



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E DO SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JANAYNA SOARES SOUZA

VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA

MARABÁ-PA
2023

JANAYNA SOARES SOUZA

VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNÍCIPIO DE MARABÁ

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentado à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa Campus de Marabá, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia orientada pela Profa. Dra. Terezinha Pereira Cavalcante.

MARABÁ-PA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

S729v Souza, Janayna Soares

Violência escolar no Município de Marabá / Janayna Soares Souza. — 2023.

55 f.

Orientador (a): Terezinha Pereira Cavalcante.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2023.

1. Violência na escola – Marabá (PA). 2. Educação. 3. Assédio nas escolas. 4. Escolas de ensino fundamental. I. Cavalcante, Terezinha Pereira, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.5098115

Elaborado por Miriam Alves de Oliveira – CRB2/583

AGRADECIMENTO

A Deus por sua infinita misericórdia por mim;

A Pablo Silva, meu companheiro de caminhada, que iniciou esse curso comigo, e me apoiou em cada momento, inclusive nesse trabalho;

À Diacui Soares, minha mãe que me mostrou desde pequena o valor do estudo;

A João Rosa e Nazaré Cabral, que foram muito mais que sogros para mim, foram meus pais e me ajudaram em muitos momentos nesse curso;

À Alexia Martins e Giovanna Dal Moro, duas amigas que a faculdade me deu e que levarei para a vida toda;

À Prof.^a. Terezinha Cavalcante pela oportunidade de trabalho, orientação e apoio;

Aos professores que compuseram a banca examinadora por apresentarem críticas e sugestões valiosas que foram incorporadas a este trabalho;

A todos os professores do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Estado do Pará – Unifesspa- Pois, contribuíram grandiosamente para a minha formação;

A todos, meu muitíssimo obrigado!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a violência escolar em quatro escolas públicas no município de Marabá-Pará, que por questões de ética serão catalogadas por escolas A, B, C e D. A pesquisa se concentrou nas turmas de Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. Em se tratando de processos teórico-metodológicos, trata-se de uma pesquisa participante com viés etnográfico, incluindo a observação direta e a pesquisa documental. Para fundamentação teórica buscou-se autores que versam sobre a violência escolar, entre os quais se destaca: Abromovay (2015), Bourdieu e Passeron (2008) Bispo e Lima (2011), Althusser (1985) e Charlot (2006). Para compreender a forma como as escolas pesquisadas lidam com a questão da violência, seja ela simbólica ou física fez-se consulta aos Livros de Ocorrência, bem como observação direta, dentro e fora da sala aula no período de junho a setembro de 2019. A pesquisa demonstra que, no que diz respeito a violência escolar, e se faz necessários aprofundar os estudos sobre o tema, bem como formação continuada sobre a resolução e mediação de conflitos aos professores da rede. O bullying também é uma das várias formas de violência praticada nas escolas, onde são escolhidos alunos excluídos, como também alunos PcD. Trata-se de uma junção de violência física e verbal. Notou-se ainda, que nas escolas pesquisada a forma de lidar com qualquer tipo de violência é a punição que vai desde uma advertência e nos casos mais graves o aluno é transferido. Nenhuma das escolas possuem em seu quadro de recursos humanos, profissionais qualificados tais como assistentes sociais e psicólogos para o enfrentamento da violência escolar. Verificou-se que a violência escolar afeta não apenas as escolas, mas, também a comunidade em seu entorno. Não se verificou uma preocupação por parte da autoridade administrativa em discutir o problema, a punição e repressão são os únicos instrumentos que estão ao alcance dos dirigentes da escola. Qualquer violação da ordem moral instituída o/a aluno/a é encaminhado/a ao coordenador/a pedagógico/a para aplicação da punição.

Palavras-chave: Educação; violência escolar; violência simbólica; Amazônia; Bullying.

ABSTRACT

This work aims to analyze school violence in four public schools in the municipality of Marabá-Pará, which for ethical reasons will be cataloged as schools A, B, C and D. The research focused on Elementary School classes from 6th to 9th year. When it comes to theoretical-methodological processes, it is participatory research with an ethnographic bias, including direct observation and documentary research. For theoretical foundation, authors who deal with school violence were sought, among which the following stand out: Abromovay (2015), Bourdieu and Passeron (2008) Bispo and Lima (2011), Althusser (1985) and Charlot (2006). To understand how the schools studied deal with the issue of violence, whether symbolic or physical, the Occurrence Books were consulted, as well as direct observation, inside and outside the classroom from June to September 2019. research demonstrates that, with regard to school violence, it is necessary to deepen studies on the topic, as well as continued training on conflict resolution and mediation for teachers in the network. Bullying is also one of the various forms of violence practiced in schools, where excluded students are chosen, as well as PwD students. It is a combination of physical and verbal violence. It was also noted that in the schools studied, the way to deal with any type of violence is punishment ranging from a warning to, in the most serious cases, the student being transferred. None of the schools have in their human resources staff qualified professionals such as social workers and psychologists to combat school violence. It was found that school violence affects not only schools, but also the surrounding community. There was no concern on the part of the administrative authority to discuss the problem, punishment and repression are the only instruments available to school leaders. Any violation of the established moral order, the student is referred to the pedagogical coordinator for punishment.

Keywords: Education; school violence; symbolic violence; Amazon; Bullying.

SUMARIO

		SEÇÃO I	
1		INTRODUÇÃO.....	09
		SEÇÃO II	
2		A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE RENOVAÇÃO EXISTENCIAL	12
		2.1. A Escola como instrumento de imposição da ordem moral de uma classe.....	12
		2.2 O conceito de violência escolar e sua utilização como instrumento de controle.....	16
		2.3 A bifurcação da violência escolar.....	22
		2.4 O bullying como prática de violência.....	25
		SEÇÃO III	
3		ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	31
	3.1	Metodologia de pesquisa.....	31
	3.2	RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA A	32
		3.2.1 Dia 25 de março de 2018 (8º Ano)	32
		3.2.2. Dia 04 de maio de 2018 (9ºAno).....	32
		3.2.3. Dia 15 de maio de 2018 (9º Ano).....	32
		3.2.4. Dia 18 de maio de 18, (6º Ano).....	32
		3.2.5. Dia 22 de maio de 2018 (7º Ano).	33
		3.2.6. Dia 11 de junho 2018 (8º Ano).....	33
		3.2.7 Dia 18 de maio de 2019 (6º).....	33
		3.2.8. Dia 13 de fevereiro de 2019 (7º).....	33
	3.3	RELATOS DAS OBSERVAÇÕES DIRETAS EM SALA DE AULA NA ESCOLA A.....	33
		3.3.1 Observação na sala do 6º Ano D em 16 de abril de 2019.....	34
		3.3.2 Observação na sala do 6º C em 25 de abril de 2019.....	34
		3.3.3 Observação da sala 9º Ano B em 6 de maio de 2019.....	35
	3.4	RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA B.....	35
		3.4.1 Dia 24 de maio de 2018 (7º Ano)	36
		3.4.2 Dia 30 de maio de 2018 (6º Ano)	36
		3.4.3. Dia 1º de junho de 2018. (8º Ano)	37
		3.4.4.Dia 1º de junho de 2018 (8º Ano)	37
		3.4.5. Dia 10 de outubro de 2018. 9º Ano.....	37
		3.4.6. Dia 06 de dezembro de 2018 (6º Ano)	37

	3.4.7. Dia 22 de abril de 2019 (9º Ano)	37
	3.4.8. Dia 21 de agosto de 2018 (7ºAno).....	38
3.5	RELATOS DAS OBSERVAÇÕES DIRETA NA ESCOLA B	38
	3.5.1. Observação da sala 6º Ano G em 17 de junho de 2019	38
	3.5.2. Observação da sala do 8º Ano F em 24 de junho 2019.....	39
	3.5.3. Observação da sala do 8º Ano A em 18 de junho de 2019.....	40
3.6	RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA C.....	40
	3.6.1. Dia 13 de fevereiro de 2019. (7º Ano).....	40
	3.6.2. Dia 10 de abril de 2019 (9º ano).....	41
	3.6.3. Dia 30 de abril de 2019 (6º ano).....	41
	3.6.4. Dia 6 de maio de 2019 (9º Ano).	41
	3.6.5. Dia 14 de maio de 2019 (8º Ano).	41
	3.6.6. Dia 23 de maio de 2019. (6º Ano).....	41
	3.6.7. Dia 24 de maio de 2019 (7º ano).....	41
3.7	RELATOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA C	42
	3.7.1. Observação da sala do 6º Ano B em 4 de setembro de 2019.....	42
	3.7.2. Observação da sala do 9º Ano C em 5 de setembro 2019.....	42
3.8	RELAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS NA ESCOLA D.....	43
	3.8.1. Dia 12 de junho de 2018 (8º Ano).....	44
	3.8.2. Dia 15 de junho de 2018 (8º Ano).....	44
	3.8.3. Dia 19 de setembro de 2018. (6º Ano).....	44
	3.8.4. Dia 9 de outubro de 2018 (não identificado o Ano).....	44
	3.8.5. Dia 22 de novembro de 2018 (7º Ano).....	44
	3.8.6. Dia 8 de maio de 2019 (9º Ano).....	44
3.9	RELATOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA D.....	45
	3.9.1. Observação da sala do 6º Ano D em 17 de setembro de 2019.....	45
	3.9.2. Observação da sala 6º Ano C em 23 de setembro de 2019.....	46
3.10	3.10 ANOTAÇÕES PONTUAIS	46
	3.10.1. Comparações e Distinções entre as escolas.....	47
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
5	REFERENCIAS	53

SEÇÃO I

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta a descrição e análise de uma pesquisa realizada em 2019-2020, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Extensão/PIBEX e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/PIBIC vinculado a Unifesspa com a finalidade de analisar o grau de violência. A definição de violência se refere a indisciplina, agressividade, violência simbólica e violência física. A Pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativo-quantitativa e também documental. Para isso utilizou-se como instrumentos metodológicos a observação participante, bem como a coleta de dados que identificasse os tipos de indisciplina, agressividade verbal e manipulação no ambiente escolar.

O projeto de extensão tinha o seguinte título: Relações e Interrelações entre a Escola de Educação Básica e as Redes de Proteção, Acolhimento e Controle da Infância e Juventude no Município de Marabá, realizado no período de janeiro a dezembro de 2019, que tinha por objetivo analisar os tipos de violência nas escolas públicas de Marabá.

A história da escola, enquanto instituição educativa aponta que ela é herdeira de uma intervenção eclesiástica violenta. O lugar da disciplina rígida, da opressão e dos castigos físicos. Constatou-se, ainda, que na atualidade, em todos os segmentos de ensino, o mando, o imperativo, a ordem, até o presente, são instrumentos bastante utilizados por gestores, (incluindo o quadro técnico) professores/as que se utiliza da legitimidade social impondo normativas institucionais para manter o controle dos educandos. Ou seja, a escola se assemelha ao tribunal com a diferença que raramente os “réus” não têm defensores.

Ademais, os estudos sobre a instituição escola revelam que ela funciona não apenas como instrumento de transmissão de conteúdos curriculares, para formação técnica para as atividades laborais, e tampouco como produção de conhecimento científico. Ela é a instituição por excelência que influencia no comportamento infante/juvenil, colaborando de forma significativa com a formação da consciência moral do sujeito. Para alguns autores ela reproduz os valores morais e a ideologia de uma classe por meio da inculcação da *ação pedagógica* escolar. Esta ação reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo, para reproduzir a estrutura das relações de forças. Uma formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima (Bourdieu e Passeron, 1992).

A Escola, como espaço de aprendizado, faz parte do processo educacional institucionalizado como tal; consiste em seu espaço estruturado em função de projeto educativo quer seja assumido pelo Estado quer num seja do domínio público, quer seja noutra no âmbito do interesse privado (PASSOS, 2017, p. 35).

Nas últimas décadas, a atenção voltada para a violência nas escolas tem aumentado significativamente, uma vez que os efeitos adversos desse fenômeno têm se tornado mais evidente. Alunos que sofrem com a violência escolar frequentemente experimentam um declínio no desempenho acadêmico, problemas de saúde mental, isolamento social e uma visão negativa da educação como um todo. Além disso, a presença constante de violência nas escolas compromete o propósito fundamental dessas instituições: fornecer um ambiente seguro e propício para o aprendizado e o desenvolvimento saudável dos alunos. Pesquisa do DataSenado, 2023 aponta que 90% dos brasileiros temem a violência nas escolas. Segundo a pesquisa o percentual de brasileiros que temem que seus filhos ou pessoas próximas sofram algum tipo de violência no ambiente escolar é de 90%. E 76% temem casos de violência nas ruas das cidades brasileiras (AGÊNCIA SENADO, 2023).

Sabe-se que a violência nas escolas são diversas e interconectadas. Fatores socioeconômicos, desigualdades sociais, questões familiares, exposição à violência na mídia e desafios emocionais podem contribuir para a manifestação desse comportamento. Além disso, a pressão por conformidade social, o desejo de poder ou status, bem como a necessidade de pertencimento a grupos podem influenciar jovens a se envolverem em comportamentos violentos como uma forma equivocada de lidar com suas próprias frustrações e inseguranças (OLIVEIRA, 2008). Em março de 2023, um ataque a facadas a uma professora da escola pública de São Paulo, que resultou em morte e ainda deixou quatro pessoas feridas, ganhou a manchete dos principais jornais do país e fomentou o debate sobre a violência escolar nas salas de aula do país. Nesse contexto, fica evidente que a violência escolar é uma questão séria que afeta não apenas as vítimas diretas, mas também toda a comunidade escolar e a sociedade em geral.

Várias pesquisas apontam aumento da incidência de casos de agressão no ambiente escolar, sobretudo no Brasil. O caso da professora paulista serviu de gatilho para a necessidade de implementar políticas públicas voltadas ao combate da violência nas escolas. Este trabalho, de certa maneira contribui com a discussão e análise da violência no espaço escolar e demonstra a “fragilidade” que a instituição possui para lidar com ela.

O trabalho estará estruturado em IV Sessões, incluindo Introdução, sendo esta, a primeira Seção e as Considerações finais a IV e última.

Na II Seção discute-se o referencial teórico utilizado para fundamentar a pesquisa, bem como a discussão sobre o conceito de violência e violência escolar. Na III Sessão apresenta-se o resultado da pesquisa realizada nas quatro escolas públicas de Marabá. E, por último as considerações se deram na compreensão das diferentes formas de violência e na valorização do diálogo.

SEÇÃO II

2. A EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE DIFUSÃO DA ORDEM MORAL INSTITUIDA

Nas palavras de Durkheim (2011) a educação é o meio pela qual a sociedade renova eternamente as condições da sua própria existência. A sociedade só pode viver se existir uma homogeneidade suficiente entre seus membros que perpetue e reforce está a homogeneidade entre eles. Ou seja:

A educação perpetua e reforça esta homogeneidade ao fixar de antemão na alma da criança as semelhanças essenciais que a vida coletiva supõe. Porém, ao mesmo tempo, qualquer cooperação seria impossível sem certa diversidade. A educação garante a continuidade desta necessária diversidade diversificando-se e especializando-se a si mesma. Portanto, ela consiste, em um outro destes aspectos, em uma socialização metódica das novas gerações. Em cada um de nós, pode-se dizer, que existe dois seres que, embora se mostrem inseparáveis, não deixam de ser distintos. (DURKHEIM, 2011, p. 108-109).

As considerações de Durkheim nos levam a refletir que a angústia do sistema escolar na atualidade é a de não conseguir formar esse ser social que a sociedade exige. A ordem moral fragilizada, por mais que a escola discipline e oprima, há sempre aqueles que escapam de suas amarras. Além disso, as revoluções tecnológicas dos últimos tempos levam as gerações de jovens a buscarem “formações” em outros ambientes que não seja a família, nem a escola, nem a religião. Cujos ambientes são mais interativos e atrativos.

Uma das maneiras encontradas pelas escolas públicas de Marabá para disciplinar os estudantes são os chamados livros de ocorrências. Estes nada mais são do que um livro de Ata, adquirido em papelaria para registrar os atos de indisciplina, esses comportamentos podem se manifestar de diversas maneiras, desde conflitos interpessoais até ações mais graves que comprometem a segurança e o ambiente escolar. O “livro” torna-se uma ameaça. Pois, dependendo da narrativa o estudante passará a ser objeto de escárnio dos demais alunos/as e professores/as.

Diante daquilo que professores/as denominam como caos moral da escola, há aqueles que defendem uma escola que tenha apenas o papel de instruir¹ o aprendizado laboral e, propõem que a educação, em termos relacionais, deva ser desenvolvida pela família. Não é raro, na atualidade, ouvir professores/as argumentarem que são remunerados para ministrar

¹ Entre os defensores dessa concepção está o educador Mario Cortela. No entanto, o discurso do educador não se aplica as classes subalternas que não tiveram oportunidades de ir à escola e que na maioria das vezes aquilo que os estudantes aprendem na escola entram em choque com a cultura e costumes familiares

conteúdos curriculares e que a educação deve ser função dos pais. Tal assertiva aponta para um conservadorismo patriarcal e elitista e mais uma vez reafirma que o sistema educativo é um instrumento de classe. Ou seja, trata-se de um tipo de família que não contempla a classe trabalhadora em que os pais precisam trabalhar arduamente para suprir as necessidades básicas dos filhos.

Sabe-se que um grande número, de famílias brasileiras, é desprovido de quaisquer condições de acompanhamento do desenvolvimento educacional formal dos filhos/as, uma vez que, grande parte dos pais ou responsáveis não tiveram acesso à educação formal. Além do mais, sabe-se que muitas crianças, em idade escolar, vivem em espaços coletivos, tais como orfanatos, casas de passagens etc., além daqueles que moram de favor com parentes. Ao tentar imprimir “uma bula” para diversidade, pluralidade infanto/juvenil, inseridos na instituição escola, na tentativa de atingir o padrão exigido por parte da sociedade, o que de fato está sendo feito, nada mais é, do que fortalecimento do discurso de uma classe. Nas palavras de Durkheim (2011) o educador deve ajudar as gerações mais jovens a tomar consciência do novo ideal o qual se tende, embora de maneira confusa, e as oriente nesse sentido. Não é suficiente que ele conserve o passado, é preciso que prepare o devir. Nota-se uma tendência da escola em conservar valores morais, que a muito já foi superado pela sociedade atual.

2.1. A Escola como instrumento de imposição da ordem moral de uma classe

Connel, 1995, em um artigo intitulado Educação e pobreza (2002), menciona que as escolas públicas exercem poder tanto por meio da obrigatoriedade de frequentá-las quanto por meio das decisões específicas que tomam. Como exemplo, o autor aponta que as notas escolares não são meros pontos de apoio de ensino. Em suas palavras as notas são minúsculas decisões jurídicas, com *status* legal sobre a vida das pessoas. Ele ainda argumenta que:

As pessoas pobres, de modo geral, compreendem essa característica da escola. Ela está centralmente presente em suas mais desagradáveis experiências de educação. A experiência vivida pelos estudantes pobres hoje não é, contudo, única. Os sistemas de educação de massa foram criados no século XIX como uma forma de intervenção do estado na vida da classe trabalhadora, para regular e em parte assumir a educação das crianças. A obrigatoriedade legal era necessária porque tal intervenção era amplamente rejeitada (CONNEL, 1995, p. 22).

Para alcançar os objetivos a que o Estado se propõe por meio da instituição escola torna-se necessário a obrigatoriedade legal. A escola se apropria de um discurso ambivalente

entre a regulação e a emancipação². A obrigatoriedade legal dos componentes curriculares, dos horários, do tempo de aprender, sanções, regulamentações transformam a escola em um tribunal.

Nas palavras de Bourdieu (1989), todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força.

Freitag, (1986), ao analisar o papel da escola no livro, *Escola, Estado e Sociedade* parafraseando Bourdieu e Althusser afirma que a escola tem, pois, função básica de reprodução das relações de produção. Para satisfazê-la, ela age de diferentes maneiras ao nível das três instâncias. As diferentes formas de atuação em seu desdobramento múltiplo, vistas dialeticamente no contexto estrutural global, acabam por se reduzir a uma essencial: o da manutenção e perpetuação das relações existentes (FREITAG, 1986).

Presume-se que o esforço da escola, pela manutenção e perpetuação das relações conservadoras existente, seja a ponta do iceberg para explicar as queixas da comunidade escolar no que diz respeito a indisciplina, agressividade e violência. É possível que estudantes desejem romper as estruturas arcaicas as quais a escola está submetida, numa inversão da ordem vigente, enquanto a escola se mantém estática utilizando-se dos mecanismos de controle para subjugar oprimir e reprimir.

Desde conservadores como Durkheim, progressistas como Paulo Freire e revolucionários como Gramsci, a escola é apontada como instituição de grande importância seja para adestrar seja para emancipar. Nesse sentido pode-se recorrer Mochcovith (1992) que ao fazer uma leitura de pensamento de Gramsci sobre a escola argumenta a estreita relação da educação com a cidadania afirmando que:

Tão importante quanto a alfabetização e as primeiras noções científicas que permitem conhecer a natureza de uma maneira não-mágica, não-religiosa e não folclórica, são as noções sobre “direitos e deveres” que constituem a cidadania, que permitem os indivíduos das classes subalternas situarem-se na sociedade e diante do Estado. Essa é a função educadora e positiva da escola. É nesse sentido que a escola é constitutiva da cidadania (MOCHCOVITH, 1992 p. 64).

Diante dos argumentos do autor pode-se questionar até que ponto o sistema educativo brasileiro se preocupa com a formação de cidadania dos educandos oriundos das

² Sobre os conceitos de regulação e emancipação ver: Santos, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (Português) São Paulo, Cortez, 2000.

classes subalternas? Embora o Plano Nacional de Educação proponha uma educação de qualidade e que promova a igualdade de direitos, sabe-se que na prática que os alunos das escolas públicas sofrem com o descaso da autoridade administrativa, inserindo-se no conceito de violência. Esse descaso está presente tanto na estrutura física das unidades de ensino quanto na falta de professores qualificado o que se constitui em violência institucional.

No Brasil, a organização das instituições públicas de ensino mostrou-se ligada a cópia de métodos de países europeus sempre valorizando os pressupostos da classe dominante em detrimento da classe trabalhadora. Diante disso, pode-se presumir que a instituição escola tem seus princípios fundantes em uma estrutura dominante, em seu primeiro momento de cunho religioso e este a serviço do poder do Estado, e posteriormente de cunho político ideológico e cultural, e que na sua maioria atende aos princípios neoliberais que também representa o poder político instituído. Para alguns autores ela produz e reproduz os valores morais e a ideologia de uma classe.

Partindo dessas considerações pode-se presumir que a instituição escola em princípio tem sua origem nas demandas da classe dominante que estabelece as diretrizes de como esta deve funcionar. É por meio da escola que esta classe estabelece suas relações de forças e de poder, tecidas por tradições culturais, costume e religião. As transformações econômicas que levaram a estender as massas sua inserção à escola, traz em seu bojo um distanciamento do sistema educativo “tradicional”.

Nesse sentido, Durkheim ao tratar da educação tradicional francesa afirma que esta é o resultado de um desenvolvimento gradual, cujas origens remontam as origens da história (Durkheim, 2011). Naquele período de transição o autor (op.cit), ao se debruçar sobre o sistema educativo da França, apontava a necessidade de substituição do antigo sistema de ensino tradicional, que tinha como princípios fundantes a religiosidade. Sua proposta era instituir um sistema educativo racional e laico.

O discurso de Durkheim reforça que o sistema educativo deve se preocupar com a formação moral do sujeito, por meio da disciplina com a finalidade de preparar mão de obra para o trabalho.

No caso brasileiro, ao observar o contexto histórico do sistema de ensino pode-se presumir, o quanto é lenta a transformação. É notório as dificuldades de muitos operadores do sistema educativo tanto no que diz respeito ao processo de gestão da instituição escola, quanto a gestão do docente na sala de aula. Essa lentidão nas transformações do processo de ensino/aprendizagem confirmam as análises de autores como Louis Althusser (1985).

Bourdieu e Passeron (1992) ao definirem a escola como aparelho de reprodução da sociedade. Ao se referir ao sistema de ensino na França Bourdieu e Passeron mencionam que:

Todo sistema de ensino institucionalizado deve as características específicas de sua estrutura e de seu funcionamento ao fato de que lhe é preciso produzir e reproduzir, pelos meios próprios da instituição, as condições institucionais cuja existência e persistência (auto reprodução da instituição) são necessários tanto ao exercício de sua função própria de inculcação quanto a realização de sua função de reprodução de um arbitrário cultural do qual ele não é produtor (reprodução cultural) e cuja reprodução contribui à reprodução das relações entre os grupos ou classes (reprodução social) (BOURDIEU e PASSERON, 1992).

Assim, a escola é um espaço onde se institui a disciplina, principalmente nos primeiros anos de escolaridade, considerando esta uma extensão da educação familiar visando a produção e reprodução das forças de trabalho e não para o exercício pleno da emancipação e da cidadania.

Para Althusser (1985) os aparelhos ideológicos de Estado concorrem para o mesmo fim: a reprodução das relações de produção. Entretanto, para o autor, um destes aparelhos ideológicos desempenha um papel dominante embora não escutemos sua música a tal ponto ela é silenciosa! Trata-se da Escola! Segundo o autor:

Ela se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o maternal, e desde o maternal ela se lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles anos em que a criança é mais “vulnerável”, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante ou simplesmente a ideologia dominante em estado puro (ALTHUSSER, 1985).

Se a escola enquanto aparelho de Estado é responsável por inculcar a ideologia dominante, cabe a ela também desenvolver atitudes de relações dialógicas, discutir ideias de regulação e emancipação, bem como minimizar e resolver os conflitos existentes no seu interior. Se nas últimas décadas, em virtude das mudanças que ocorreram na sociedade, a escola tem se tornado um “território” onde permeia a intolerância, a violência simbólica e até casos extremados de violência física e eliminação do outro. Talvez, a escola não esteja identificando as transformações políticas e econômicas da sociedade pós-moderno.

Desse modo, o processo de ensino em si, pode ser considerado de fato uma violência simbólica, pois na maioria das vezes os discentes das classes subalternas não sabem para que aprende, uma vez que sua realidade é extremamente diferente daquilo que a escola normalmente ensina.

Além do mais a maioria das escolas públicas, principalmente as de periferia onde se concentra grande parte da população marginalizada convivem o descaso do poder público,

enquanto poucos docentes se esmeram para fazer com que o discente ultrapasse os limites da marginalidade econômica, social e cultural. Desse modo, presume-se que as instituições de proteção, acolhimento e controle, por mais dispersa que pareçam se empenham na inculcação da ordem dominante.

2.2 O conceito de violência escolar e sua utilização como instrumento de controle

Abromovay (2002, p. 70) em pesquisa para UNESCO, afirma que a violência no cotidiano das escolas se reflete nas representações que os alunos fazem sobre as unidades de ensino. Muitas vezes eles apresentam significados contraditórios e distintos sobre seu papel. Segundo a autora (op.cit) de um lado, a escola é vista como um lugar para a aprendizagem, como caminho para uma inserção positiva no mercado de trabalho e na sociedade, por outro, muitos alunos consideram a escola como um local de exclusão social, onde são reproduzidas situações de violência e discriminação (física, moral e simbólica). Mesmo assim, grande parte dos jovens apresenta uma visão positiva sobre a escola, o estudo e o ensino.

No entanto, há uma parcela significativa dos profissionais do sistema educativo que incorporaram um discurso pessimista em relação a infância e juventude. Estes defendem uma educação adestrada em que os discentes devem apenas cumprir as obrigações que lhes são impostas sem questioná-los. As queixas dos profissionais não são apenas relacionadas a atitudes agressivas ou prática de violência (física ou simbólica) onde seria necessária a intervenção por parte da rede de proteção ou controle instituído para tal finalidade. Eles se queixam também do descaso das famílias, bem como dos estudantes que por alguma razão deixam de cumprir suas obrigações cotidianas no espaço escolar. Para enfrentar todos estes fatores utilizam-se os encaminhamentos. O professor encaminha para o orientador pedagógico, que encaminha para o diretor e este se encarrega de aplicar os instrumentos de punição.

A definição de violência é muito ampla, muitos autores acham difícil definir este conceito, por se tratar de um fenômeno social que se caracteriza de diversas maneiras, podendo estar presente na política, religião, nas ruas, no trânsito, no campo, nas escolas, contra jovens e mulheres, contra portadores de necessidades especiais e etc. Costa (1986, apud Waiselfisz, 2003. P.16), insinua que a violência não está necessariamente ligada apenas à manifestação física de agressão,

Essa afirmação de Costa (1986, apud Waiselfisz, 2003. P.16), insinua que a violência não está necessariamente ligada apenas à manifestação física de agressão, mas também pode estar relacionada a atitudes, comportamentos e emoções que visam prejudicar

outros indivíduos ou grupos. Isso pode incluir formas de violência verbal, emocional, psicológica e simbólica, que podem ser igualmente prejudiciais.

Nesse sentido, entende-se que a violência é um ato que decorre de uma prática física ou de maneira psíquica, através de medo e intimidação e que muitas vezes não é fácil de ser percebida, pois ocorre de maneira sutil entre relações sociais. É importante ressaltar que a violência não é algo novo, ela sempre existiu, mas com o decorrer dos anos sofreu transformações e novos significados. É preciso entender que esta, nem sempre ocorre de maneira visível, por isso é tão difícil combater este fenômeno que assola a sociedade. Na argumentação de Charlot, 2006:

A 'violência' é o nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação, etc., onde um ser humano é tratado como um objeto, isto é, onde são negados seus direitos à dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível. Assim definida, a violência é o exato contrário da educação, que ajuda a advir o ser humano, o membro de uma sociedade, o sujeito singular (CHARLOT, 2006, p. 24).

Nota-se que autora concebe a violência como contrário da educação, nesse sentido, a educação está sendo concebida como processo de humanização do indivíduo, no entanto, sabe-se que este pode ser educado para prática da crueldade. Posto que, aqueles que se utilizam da prática de determinados tipos de violência, foram preparados para tal finalidade.

Para Organização Mundial da Saúde (OMS 2022) a violência é definida como uso intencional da força ou poder com o objetivo de ameaça a uma pessoa, grupo ou comunidade que ocasiona lesões, mortes, danos psíquicos, alterações do desenvolvimento ou privações. Ela assume diversas formas, produz danos e consequências que podem ocorrer de imediato ou em longo prazo. Ela é um fenômeno que atinge a todas as classes sociais, todos os gêneros e gerações. Ultrapassa fronteiras geográficas, perpassa diferenças étnicas, políticas, portanto, é enganoso pensar que se trata de um fenômeno exclusivo de alguma localidade ou espaço social, de algum segmento ou classe social. Embora este fenômeno ultrapasse todos os tipos de "fronteiras" sabe-se que alguns espaços sociais, comunidades, sociedades são mais violentas que outras.

Sendo assim, para falar de violência é preciso entender que este ato vai muito além de agressões físicas ou destruição de bens, com o objetivo claro ou não de machucar. Esta deve ser entendida como todo e qualquer ato sociocultural e simbólico que afetem de má fé os indivíduos de uma sociedade. Ela está presente entre os ricos e os pobres, nas pequenas e grandes cidades, nos mais diversos contextos. É um fenômeno que atormenta o ser individual e o social.

O filósofo francês Mafesoli ao refletir sobre a violência afirma que:

(...) não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. Proponho, então considerar que o termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao combate, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social (MAFESOLI, 1987, P. 129).

Nesse aspecto, pode-se considerar a luta de classe, isto é, a luta por direitos, em que aquele nega o direito sente-se ameaçado e muitas vezes o conflito pode desencadear em processos violentos.

Levando em conta a dificuldade de análise do conceito o presente trabalho abordará mais especificamente as violências, físicas, verbais e simbólicas que ocorrem no espaço escolar. Essas decorrem da relação de poder, discriminação social, inadequação de políticas públicas entre outros. Entre as definições de violência destaca-se a violência física que causa ferimentos no corpo, pode ocorrer por meio de golpes, roubos, violência sexual, ou mesmo a eliminação do outro e etc., enquanto a violência verbal é caracterizada por palavras ofensivas com o intuito de ridicularizar, humilhar, manipular ou ameaçar, esta última sem dúvida a mais praticada no espaço escolar.

Gilberto Velho (1996) destaca que violência não se limita apenas a força física, podendo ser ameaça, efetivada por meio de poder decorrente das relações sociais que se expressa tanto em relações interpessoais quanto nas relações subjetivas. Para reforçar as concepções do autor (op.cit) Azevedo Guerra argumenta que:

A violência é uma forma de relação social, e está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamentos vigentes em uma sociedade, em um momento determinado de seu processo histórico. A compreensão de sua fenomenologia não pode prescindir da referência aos sujeitos que fomentam enquanto experiência social. (AZEVEDO GUERRA, 2001, p.33).

Diante disso, pode-se perceber a amplitude e complexidade da violência. Esta, não pode ser entendida como um problema uniforme, de simples resolução. Assim, para analisar este tema se torna necessário entender que se trata de um fenômeno quase que enigmático, uma vez que, nem sempre se apresenta como um fato que possua estrutura facilmente identificável.

No caso Brasil, especificamente no espaço escolar, o que especifica a violência é o desrespeito, a exclusão, o autoritarismo e as desigualdades presentes na sociedade brasileira. É esta violência, pouco identificável ou que muitas vezes despercebida perpassa pelo

ambiente escolar que nos interessa nesse trabalho. Para esta análise e discussão utiliza-se o conceito violência simbólica cunhada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989).

Na concepção de Bourdieu a violência simbólica é caracterizada como insensível e invisível, pois ocorre de maneira despercebida. Ela é manifestada através de relações em que, há um opressor e o oprimido que não se reconhece como tal, ele vê a opressão como algo natural. Segundo Bourdieu (1989), a “violência simbólica” tem sua base na força material, portanto, aqueles grupos com maior capital cultural seriam aqueles que possuem maiores sucessos em suas ações escolares.

Como dito anteriormente a violência está presente em todos os espaços sociais e permeiam as instituições, tais como: famílias, igrejas, escola entre outras. Este tipo de violência é caracterizado como institucional, simbólica, exercida muitas vezes de maneira velada. Para Bourdieu (1989), este tipo de prática se manifesta de maneira imperceptível nas relações sociais, concretizando-se como algo natural, visto que o oprimido não se vê como vítima.

Este tipo de violência se caracteriza por meio de comportamento social agressivo, conflitos interpessoais, atos criminosos, marginalização entre a comunidade que integra este espaço. Sendo a escola um estabelecimento que deveria proporcionar acolhimento aos discentes, em que a principal função deveria ser instruir, a realidade desta é muito diferente. Percebe-se neste local o crescimento acelerado da violência causando entrave nas relações ensino aprendizagem.

Em alguns casos, este tipo de violência ocorre dentro das escolas, na maioria das vezes, em virtude dos poucos conhecimentos sobre mediação de conflitos, bem como a importância do respeito às diferenças culturais e sociais. Um dos fatores causadores de conflitos é o *bullying*, que na maioria das vezes se apresenta inofensivo como deboche, brincadeira, por parte daquele que pratica.

De acordo com Fante (2005), o bullying prejudica tanto as vítimas quanto os agressores. Estes adquirem graves problemas. As consequências para as vítimas são a queda no rendimento escolar, traumas psicológicos, déficit de concentração entre outros.

Sabe que cada pessoa é única em suas particularidades e muitas vezes as escolas não sabem como lidar com essa diversidade cultural, social, religiosa, etc. Muitos professores não possuem formação suficiente e adequada para lidar com as desigualdades existentes entre os alunos e isso faz com que uns se sintam superiores e mais privilegiados que outros permitindo a existência do conflito, da violência dentro e fora das salas de aulas.

Para Abramovay (2002), a sociedade brasileira está presenciando com frequência o aumento das violências nas escolas, em que vários episódios de agressões físicas e verbais são praticados pelos próprios agentes da comunidade escolar. Dessa maneira, percebe-se que a violência já está naturalizada no cotidiano da escola.

Nota-se que escola é o espaço cultural onde a violência simbólica se faz presente durante o processo e ensino/aprendizagem. É na escola que se propõe tratar os desiguais como iguais, não levando em conta a diversidade existente. Muitos alunos não possuem bagagem culta e letrada ocasionando desta maneira, distinções de capital cultural neste público, em que estudantes apresentam dificuldades, muitas vezes por falta de acesso aos bens culturais sofrem preconceito, sendo inferiorizados e as vezes até ridicularizados. Charlot (2002), fala da importância de saber distinguir as múltiplas variações deste ato. Para a autora:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 434).

A escola muitas vezes reforça a desigualdade de classes, contribuindo para a evasão escolar e aumento nos índices de repetência. De acordo com Helena Souza Patto (1990), essa evasão está ligada ao fracasso escolar e constitui um dos mais graves problemas sociais do Brasil. De acordo com a autora:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (PATTO, 1990).

Seguindo esta afirmação fica evidente que a escola é somente um dos palcos em que as desigualdades sociais se manifestam, sendo apenas um reflexo da sociedade em que está inserida. De acordo com Abramovay (2002), muitos alunos relatam sofrerem algum tipo de violência por parte de professores ou pelas instituições escolares. Essas violências são reproduzidas nas atribuições de notas, palavras agressivas. Segundo os alunos, há professores insensíveis, que ao invés de ajudá-los, os criticam e ignoram suas dificuldades. Muitos

professores os humilham e ridicularizam quando estes não entendem algo ou quando não conseguem responder a uma pergunta.

Agindo de tal maneira, os professores estão cometendo o ato de violência simbólica, essa prática se distancia da autenticidade do ato de ensinar. Levando em consideração o seguinte pensamento de Charlot que diz:

O ato de ensinar só é legítimo quando tem sentido para o aluno, é um momento de atividade e de mobilização de si mesmo e, sendo assim, gera um prazer específico, estreitamente misturado com o esforço. Sob outra forma, é legítimo um ato de ensinar que esclarece o mundo para o aluno, responde a questões importantes, permite resolver problemas, abre o acesso a mundos novos, fontes de prazer, além do mais, possibilita ao aluno se sentir mais inteligente e, logo, mais valioso, mais digno e amado. Ao se afastar desses requisitos, o ato de ensino vira, sim, uma violência simbólica (CHARLOT, 2012, p. 95).

Saviani (2008), relata que a educação ocorre de maneira inversa, não sendo espaço acolhedor e sim local onde ocorre desigualdades sociais, esta ao ter ciência das violências e não fazer nada para mudar essa realidade, contribui para que este ato se perpetue, evidenciando a prática de marginalidade. Essa marginalidade ocorre quando os estudantes são excluídos devido as suas diferenças racial ou social. Os grupos considerados marginais são constituídos por trabalhadores, por não possuírem recursos financeiros para custear as despesas como os estudos.

Para Bourdieu (1989), a escola perde o papel que lhe foi atribuído de democratizadora e transformadora das sociedades, quando privilegia determinadas classes sociais e exclui outras, por não se enquadrarem nos padrões impostos pela instituição educacional, contribuindo para desestímulo e desistência dos estudos.

Bourdieu e Passeron (1997), na obra: *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino* relatam que a escola é um ambiente onde a desigualdade e parcialidade se fazem presentes, tornando esse espaço dominador. A violência simbólica neste ambiente acontece por meio de ações pedagógicas, tais como exclusão que classifica e coloca alguns alunos com status de mais capazes, eficientes e outros como inferiores. Essas ações limitam os conhecimentos dos alunos, contribuindo para legitimação das desigualdades.

Tais ações prejudicam o sistema de ensino, fazendo com que ele reproduza a estrutura social. Nesse sentido, a escola reproduz a violência simbólica quando a divide em dois grupos sociais: burguês e proletariado, constituindo relações sociais de hierarquização e contribuindo para que este espaço seja o de exclusão e marginalização. Sendo assim:

A escola produz ilusões cujos efeitos estão longe de ser ilusórios. Assim, a ilusão da independência e da neutralidade escolares está na base da contribuição mais específica que a escola dá à reprodução da ordem estabelecida [...] A reprodução do

sistema de ensino como instituição relativamente autônoma permite, por sua vez, a reprodução da cultura dominante, e essa reprodução cultural reforça, como poder simbólico, a reprodução contínua das relações de força no seio da sociedade. (BOURDIEU; PASSERON, 1992, p. 59).

Dessa maneira a instituição escolar age com autonomia de maneira relativa, dissimulando as funções sociais da manutenção da ordem social estabelecida e acreditando na ilusão de sua autonomia absoluta. Ao invés de ser um ambiente acolhedor, de libertação dos oprimidos; a escola se torna em local de perpetuação da desvalorização social.

Para Abramovay et al (2002), este tipo de violência prejudica o aprendizado dos alunos, pois despertam sentimentos de inferioridade, incapacidade e desmotivação e exclusão. Tais ações fazem com que os alunos sintam que seus saberes não têm valor e, portanto, não devem ser reconhecidos como parte desse universo escolar. Todas essas questões fazem os discentes perderem o entusiasmo pelos estudos.

Marra (2007), salienta que a violência tem crescido de maneira significativa dentro das escolas e isso tem prejudicado a comunidade. Ela destaca que o papel da escola é ser acolhedora, um local seguro onde os estudantes desenvolverão suas habilidades críticas e sociais para que se tornem seres críticos. A escola deve combater a violência e preservar os valores e as relações interpessoais com todos aqueles que integram o ambiente. Porém, combater esta realidade não é uma tarefa simples, visto que a violência se apresenta de inúmeras formas.

2.3 A bifurcação da violência escolar

A violência escolar pode ser dividida de duas maneiras: agressões verbais que são xingamentos, desrespeito, ofensas, ou qualquer ato grosseiro de se expressar (ABRAMOVAY, 2015); E violência não-verbal-agressões físicas, destruição do material, roubo, etc. (NETO E SAAVEDRA, 2003, Apud STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p. 51).

A violência verbal é um comportamento agressivo que tem o intuito de menosprezar, manipular, ou ameaçar a vítima, para que ela sinta dependência. Agindo assim o agressor sente uma espécie de poder, sensação de domínio que acredita ser importante para suas relações. Algumas pessoas praticam tais ações sem perceber o quanto são prejudiciais. Certas maneiras de violência verbal são percebidas claramente, pelo tom de voz alterado e expressões ofensivas, outras são mais sutis que podem não serem percebidas.

Violência física é aquela que se utiliza força física sobre o outro, com o objetivo de ferir, deixando às vezes marcas visíveis. São exemplos de violência física: chutes, empurrões,

tapas e outros. Ela ocorre quando o agressor, por se achar mais forte provoca, ameaça o outro com a intenção de deixar claro sua legitimidade de poder.

Colombier (1989), em seu livro *“Violência na escola”*, diz que a violência nas escolas ocorre dentro do espaço escolar, através de atos contra as instalações da escola, contra os professores e dos alunos uns contra os outros, isso acontece por motivos socioeconômicos e familiares. São formas de violência escolar: Políticas públicas e práticas educativas.

A violência nas escolas é um problema sério e recorrente que precisa ser tratado com cuidado e responsabilidade, ela é considerada uma das formas mais grave de violência simbólica. Apesar de ela estar presente em todos os espaços da sociedade, é nas escolas que estas manifestações se fazem mais presentes, pois é neste ambiente que os alunos ficam por mais tempo, portanto é neste espaço que presenciamos cenas de alunos agredindo outros estudantes e até mesmo professores.

Alguns fatores como, ausência de supervisão nas esferas escolares, comunidade hostil e falta de políticas públicas, colaboram para o desenvolvimento da violência nos ambientes escolares, e conseqüentemente para um local inseguro.

O professor é um dos principais alvos de violência nas escolas e este tipo de ação contribui para sua desmotivação profissional, afetando sua prática e contribuindo para uma educação de péssima qualidade. De acordo com os seguintes autores:

A falta de motivação causada pela violência escolar impede que os professores realizem seus trabalhos de maneira satisfatória, gerando prejuízos para alunos, escola e para o país. A violência que os professores enfrentam são resultados de inúmeros fatores, dentre eles destacam-se: pouca segurança na escola e imediações, carência em punições administrativas e judiciais mais severas aos alunos indisciplinados ou violentos e a omissão da família na vida educacional dos filhos. Muitos são os relatos de profissionais que sofreram algum tipo de violência física ou moral e que não procuram seus direitos por medo de represálias de alunos ou de suas famílias. (GURGEL; MATOS, 2012, p. 5).

No que diz respeito a violência contra a escola é representada por atos de vandalismo como destruição de tudo que constitui a Instituição: paredes, carteiras, materiais e equipamentos e etc. A violência da escola é promovida por práticas que prejudicam todos os agentes que fazem parte deste local. A indisciplina, desvalorização do profissional e do educando, preconceitos e racismos. Todas essas ações são caracterizadas como violência da escola e são praticadas por indivíduos que fazem parte do ambiente escolar. Elas estão presentes nas relações humanas.

A violência da escola são tipos de práticas que a instituição escolar reproduz com seus membros, prejudicando-os. Fracasso escolar, falta de interesse em permanecer na escola, conteúdos alheio ao interesse dos alunos e do mercado de trabalho, preconceitos, intimidação,

ameaças, discriminações diárias entre outras, são exemplos de violência contra a escola. Abramovay (2002), afirma que violência é toda ação que geram “mágoas, agressões por falta de respeito” todas essas práticas são consideradas pelos jovens, violência advinda de professores.

Adorno (1994), diz que a violência da escola ocasiona a evasão escolar, esta é consequência da exclusão social, em que aos cidadãos são negados seus direitos, tais como: emprego, saúde, habitação e educação. Essas desigualdades, principalmente na educação, são características do funcionamento de uma sociedade construída por desigualdades, que ocasionam reprovações, abandonos e retornos. Abramovay (2002) considera a violência no meio escolar um problema mundial que envolve adolescentes entre 13 e 16 anos, que na maioria das vezes são vítimas da sociedade e da situação familiar que estão inseridos.

Zaluar (2001), afirma que a maneira como as escolas e os professores tratam os alunos pode ser considerado ato de violência simbólica. Quando a escola faz o aluno se sentir incapaz, quando não oferece a ele oportunidade de desenvolvimento crítico; ou quando professores se recusam a sanar as dúvidas dos estudantes, desvalorizando-os. A violência também pode ocorrer de maneira inversa, quando o aluno desvaloriza o trabalho do professor, não dando importância a suas aulas, menosprezando seu trabalho.

Bourdieu (1989), afirma que a violência simbólica se legitima no empenho de cada aluno para se destacar nos estudos, quando alunos de classe média e trabalhadora se esforçam mais que os alunos da classe dominante. Em contrapartida, alunos da classe popular não conseguem o êxito, por se sentirem incapazes.

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno-burguês (ou, a fortiori, camponês e operário) não pode adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido empregado pelos etnólogos) dessa classe (BOURDIEU, 1989, p. 55).

Nesse sentido, pode-se compreender o baixo rendimento dos filhos da classe trabalhadora, uma vez que o acesso aos bens culturais é negado. A maioria dessas crianças não tem acesso a revistas, cinemas, teatro e nem mesmo a literatura. Entende-se que o acesso ao conhecimento fica com muitas lacunas difícil de ser superados.

2.3 O *bullying* como prática de violência

Outro tipo de violência muito comum nas escolas é o *bullying*, a qual tem sua origem na língua inglesa que tem o radical *bully* e significa “valentão”. O *bullying* se caracteriza

como uma agressão verbal, física e psicológica que tem como consequência traumas profundos, como depressão e distúrbios comportamentais que podem levar ao suicídio. Para compreender a definição de *bullying*, Fante (2005), diz o seguinte:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2005 p. 27).

Dito isso, presume-se que o *bullying* pode ocorrer de várias maneiras. Através de insultos, de apelidos, deboche e intimidações. Este tipo de violência faz a “vítima” se sentir insegura e discriminada. São escolhidas para vítimas: pessoas que aparentam fragilidade, que demonstram dificuldade de relacionamento com outras pessoas, deficientes, ou pessoas com necessidades especiais. De acordo com (Fante, 2005), o autor do *bullying*, em alguns casos também pode ser vítima. Estes podem estar lidando com problemas de insegurança, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento social e suas ações podem ser uma forma inadequada de lidar com as emoções e o estresse resultantes de suas próprias experiências traumáticas ou negativas. Os autores de tal prática podem sentir a necessidade de recuperar o controle ou de ganhar poder em suas vidas, e isso pode se manifestar por meio do *bullying* de outros.

Nota-se que o *bullying* "é uma das formas de violência que mais cresce no mundo", afirma Fante (2005), ele pode ocorrer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa. Portanto, o *bullying* é uma preocupação global o qual sua prevalência está aumentando. Frequentemente, o *bullying* começa com ações aparentemente menores, como zombarias, insultos ou apelidos, mas pode evoluir para comportamentos mais graves e prejudiciais.

Muitas vezes essas violências acontecem porque as crianças e adolescentes apenas reproduzem todas as particularidades que vivenciam em seus lares, estes possivelmente crescem em ambientes agressivos. Colombier (1989), diz que a criança reflete nas escolas frustrações tais como, carências afetivas, isto significa dizer que a falta de proteção familiar e de limites dão lugar a indisciplina e a rebeldia. Dessa maneira estas crianças crescem achando que podem fazer o que tem vontade.

Nesse sentido, constata-se que a falta de afeto dos pais reflete no comportamento social dos filhos no ambiente escolar. Ao serem ausentes na vida escolar dos filhos, estes pais

contribuem para que as crianças/adolescentes fiquem vulneráveis à violência. Souza (2008) ao discutir a falta de afeto argumenta que:

A falta de afeto e de valores está relacionada com a frequente ausência dos pais, que em busca da sobrevivência diária, para a família deixam seus filhos com irmãos mais velhos ou babás, o que reduz cada vez mais o tempo de convívio entre pais e filhos. Essa mudança nas relações familiares tem várias implicações. O abandono pode decorrer tanto da necessidade de trabalho dos pais, quanto do total despreparo por parte dos mesmos, no trato com a criança, e ainda pela inversão de valores com relação ao papel da escola. (SOUZA, 2008, p. 58).

Sendo assim, diante do “abandono” dos pais o que resta para a criança é a escola. Esta, por sua vez, diante da diversidade moral e cultural da sala de aula tende a tentar imprimir um modelo único para todos os alunos.

Assim, de acordo com Saviani (2008), a escola tem o dever de atribuir ao indivíduo elementos culturais, segundo a sociedade, como “[...] conhecimentos, ideias, conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos [...]”. Estes aspectos não são apreendidos pelo indivíduo apenas no convívio social, ou seja, estes precisam ser ensinados no contexto escolar.

A Instituição deve promover o respeito e a tolerância das diversidades sociais, para que desta maneira possa acabar com qualquer tipo de preconceito e discriminação e para que isto ocorra é necessário que professores e gestores busquem soluções para acabar com esse problema. Bispo e Lima (2014) refletem sobre essas adversidades, ambos sugerem à escola para que invistam em projetos educacionais que garantam a participação ativa de todos os envolvidos e que contribuam para a sua formação humana. Os autores reconhecem que:

A escola se ocupa de jovens em formação, que precisam ser amparados nesse momento de suas vidas. Educar é ajudar a construir um sentido para a vida, é despertar, nos jovens, o desejo de viver. Para além da transmissão de conhecimentos universais, a escola deve acolher o novo que cada jovem porta em seu corpo e em sua palavra. Cabe à escola abrir espaços para a palavra, para a construção de um sentido individual dentro desse espaço coletivo (BISPO, LIMA, 2014, p. 178).

Partindo desse pressuposto, é preciso que a escola repense em que tipo de indivíduos ela pretende formar e fortaleça as relações sociais, de acordo com os padrões exigidos pela sociedade. Ela tem que ser dar suportes e fazer parcerias para facilitar a viabilização do ensino-aprendizagem dos discentes e prepará-los para sejam inseridos com sucesso na sociedade.

Oliveira (1993), diz que a educação é fator fundamental para socialização e desenvolvimento social dos indivíduos, esta possui grande responsabilidade formação do caráter dos indivíduos que estão sob os seus ensinamentos.

Freire (2008), diz que a escola sozinha não muda uma sociedade, para haver essa mudança é preciso que a família e a escola trabalhem juntas. A integração da família com a escola proporciona ao educando sucesso em seu desenvolvimento social. Neste espaço os alunos devem ser tratados de maneira igual, pois todos merecem uma educação de qualidade.

Nesse sentido, a escola deve promover exercícios de colaboração que desenvolva o pensamento crítico, valorize a empatia, a responsabilidade e o respeito mútuo. Essas interações são de extrema importância para fortalecer o vínculo do estudante com a instituição e formar cidadãos capacitados a fazerem suas próprias escolhas para um bom futuro com autonomia e responsabilidade.

O sucesso escolar na luta contra as variadas manifestações de violência ocorre quando a instituição faz desse espaço um ambiente de transformações, criando políticas que envolvam a comunidade a qual a escola está inserida, responsabilizando a todos os envolvidos no processo educacional, deve criar regras que disciplinem o comportamento de alunos e professores e promover palestras sobre as consequências das violências.

“Para enfrentar uma cultura de violência, é necessário promover, em todos os âmbitos da vida individual, familiar, grupal e social, uma cultura dos direitos humanos. Somente assim acreditamos ser possível construir uma sociabilidade que tenha seu fundamento na afirmação cotidiana da dignidade de toda pessoa humana.” (LUCINDA, NASCIMENTO, CANDAU, 1999, p.63).

A escola deve mostrar ao aluno que tem interesse em ajudá-lo, por meio de ações, estratégias que chamem sua atenção, podendo ser aulas dinâmicas, diferenciadas, com atividades que os motivem a continuarem na escola, a aprender etc. A realidade do estudante deve fazer parte do processo de ensino e seus interesses e expectativas devem ser valorizados para que desse modo ele se sinta incluso e valorizado no ambiente escolar. Para que isso aconteça é necessário haver um trabalho em equipe que proporcione a paz neste local.

Para que haja paz no ambiente escolar, Ana Maria Freire (2006), afirma que é fundamental que gestores e docentes proporcionem afeto, respeito e diálogo aos educandos, que o ensino seja baseado nos valores éticos e humanos. A escola precisa criar programas que tenham a efetiva participação dos pais, para que assim a paz, o aprendizado e o respeito às diferenças sejam modelo vigente na escola, de maneira que os conflitos e individualismos sejam erradicados. Abramovay (2002) apresenta uma ideia importante para ajudar nesse processo:

A ideia é tornar a escola um espaço atrativo aos alunos, onde sejam oferecidas atividades que despertem o seu interesse. A proposta é fazer com que o estudante se sinta mais integrado à escola e à comunidade escolar por meio de oportunidades de

lazer, esporte e cultura, bem como através do desenvolvimento de atividades extracurriculares, o que pode se mostrar como uma forma de enfrentar a violência na escola. (Abramovay, 2002, p. 364).

Diante do que foi dito acima, o que se espera da escola é que ela se faça mais presente na vida de seus alunos, para saber o que está acontecendo com eles dentro da escola e desta maneira possa desenvolver ações que diminuam qualquer tipo de violência neste local. O espaço escolar deve ser acolhedor que proporcione autoconfiança e bem-estar aos estudantes. Sobre isso, Rinaldi (2002) diz que:

[...] O ambiente escolar deve ser um lugar que acolha o indivíduo e o grupo, que propicie a ação e a reflexão. Uma escola ou uma creche é antes de tudo, um sistema de relações em que as crianças e os adultos não são apenas formalmente apresentados a organizações, que são uma forma da nossa cultura, mas também a possibilidade de criar uma cultura. [...] É essencial criar uma escola ou creche em que todos os integrantes sintam-se acolhidos, um lugar que abra espaço às relações (RINALDI, 2002, p. 77).

Para que a escola seja considerada espaço acolhedor, é preciso que o gestor trabalhe valorizando a individualidade, o potencial e o crescimento de cada ser que habita o espaço escolar. Deve oferecer oportunidades que contribuam com o aprendizado, valorizando a diversidade e a educação de qualidade.

Devemos inferir, portanto, que a educação de qualidade é aquela mediante a qual a escola promove, para todos, o domínio dos conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades cognitivas e afetivas indispensáveis ao atendimento de necessidades individuais e sociais dos alunos. (LIBÂNEO, 2004, p. 117).

O sucesso da escola depende de vários fatores, dentre eles, um trabalho conjunto da equipe pedagógica, esta equipe deverá acompanhar, supervisionar os trabalhos no espaço escolar, de maneira que possa identificar as necessidades de alunos e professores e assim possa combater o autoritarismo, a evasão escolar, a discriminação social e o conhecimento desvinculado.

A prática docente também contribui significativamente para o sucesso escolar. Para que isto ocorra é necessário que o professor seja exemplo motivacional, que promova a autodeterminação, conscientizando o seu público sobre a importância da educação. Agindo desta maneira, ele estará contribuindo para construção de conhecimentos e contribuindo para o aprendizado dos estudantes.

Com as mudanças que estão ocorrendo na sociedade, como a banalização da informação, a revolução digital, da nova política, da nova economia, e dos desequilíbrios familiares, torna-se necessário que o professor faça dos conteúdos habituais de suas disciplinas instrumentos, que além de qualificarem para a vida, estimulem capacidade e competências, com o intuito de estimular todas as inteligências de seus alunos. (ANTUNES, 2002, p. 47).

Nesse contexto, o professor deve criar alternativas que contribuam para construção e reconstrução do conhecimento, que suas práticas pedagógicas contribuam para tornar o aluno um ser crítico, habilidoso e responsável. Paulo freire (1996), diz que o bom professor é aquele que faz de suas aulas as mais leves e dinâmicas, as quais envolvem os estudantes. As práticas pedagógicas precisam ser revistas e renovadas constantemente, pois ser professor é refletir continuamente sobre o ato de ensinar.

Ao se discutir sobre violência fica evidente que estas resultam em consequências ao ensino, ao rendimento escolar dos estudantes, ao corpo docente e a qualquer pessoa que sofra tal ato. Este tipo de violência está associado à diversidade social, ocorrendo de diversas maneiras, tanto de professor para aluno como de aluno para professor, por meio de insultos. Ela evidencia a intolerância, falta de orientação para uma convivência pacífica e a falta de habilidade para resolver os problemas no ambiente escolar.

É importante que professores e gestores trabalhem juntos, buscando estratégias para combater esta violência que ataca as diversidades escolares os direitos humanos e da cidadania.

[...] compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito [...] desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania (BRASIL, 1997, p. 69).

O grande desafio da escola ao tentar minimizar a violência simbólica, é o de incluir milhões de brasileiros excluídos que não possuem condições básicas para fazerem parte de uma sociedade que está em constante mudança e oferecer, todos os meios culturais necessários ao bom desenvolvimento escolar.

SEÇÃO III

3. ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A presente sessão faz análise dos livros de ocorrências, bem como das observações direta em sala de aula envolvendo violências, agressividade e indisciplina entre os estudantes, estudantes contra professores/as e contra a própria escola em quatro escolas públicas de Marabá. Os nomes das escolas, dos professores, dos alunos foram omitidos por questões éticas. Estas, para efeitos de descrição, foram denominadas de Escola A, B, C, D.

3.1. Metodologia de pesquisa

O procedimento metodológico para desenvolver este trabalho foi a pesquisa participante, que também pode ser denominada de etnografia na educação, considerando, que este, inclui a observação direta e a pesquisa documental. A seguir faz-se o relatório do trabalho de campo com as análises devidas baseadas nas observações diretas, bem como na análise dos

O primeiro contato se dava com a chegada da coordenadora e dois estagiários: Pablo Oliveira e eu, Janayna Souza. Ela nos apresentava e ficávamos na sala da coordenação, onde permanecíamos geralmente com o coordenador ao lado, lá líamos e anotávamos casos de cada turma do 6º ao 9º do ano, de 2016 a 2019. No segundo momento o coordenador indicava as salas com maiores índices de violência e indisciplina da escola, ficávamos em turmas do 6º ao 9º Ano, observando o que acontecia na sala durante a aula. O objetivo era compreender as diferentes formas de violências que ocorriam nas instituições de ensino e os contextos em que elas aconteciam. É importante destacar que os livros de ocorrências eram disponibilizados pela escola, então haverá escolas com mais de 2 anos de anotações.

Os dados das observações foram anotados manualmente em um caderno de campo e posteriormente sistematizados em um banco de dados que estão arquivados em uma pasta no computador. As turmas não foram escolhidas por nós, equipe do projeto, e sim pela gestão da escola.

Foram observadas 13 turmas, distribuídas da seguinte forma: na escola A três turmas sendo duas turmas de 6º Ano e uma de 9º; na escola B quatro turmas, uma turma de 6º Ano e três turmas de 8º; na escola C, três turmas, um 6º ano, 8º e um 9º; na escola D 4 turmas, dois 6º Ano, um 8º e um 9º. Cada turma era observada dois dias.

Na primeira escola, que a partir de agora será denominada de escola A, fomos apresentados à equipe gestora e posteriormente apresentou-se o projeto e o objetivo de

estarmos ali. No primeiro momento fomos levados a uma sala destinada ao almoxarifado. Pablo e eu ficamos em mesas e iniciamos a leitura dos livros de ocorrência, eram vários livros datados do ano 2018 e 2019. As ocorrências são realizadas da seguinte forma: normalmente o ofendido, professor ou aluno, recorre ao coordenador ou diretor/a e faz o relato do fato ocorrido. Este fato pode ser um aluno que não fez tarefa, um xingamento, um deboche, uma agressividade e até a violência física. O agressor é convidado a comparecer a sala da coordenação para ser notificado e receber a devida punição que pode ser apenas uma advertência verbal, aconselhamento até a suspensão das aulas. Caso a violação da norma institucional tenha sido extremada o aluno pode transferido! O relatório está distribuído por escola. Primeiro apresenta-se os relatos do livro de ocorrências, com as datas em que elas foram realizadas, posteriormente as observações de sala aula. Inicia-se pela escola que denominamos de A.

3.2 RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA A

Apresenta-se a seguir os relatos mencionados no livro de ocorrência ocorridos no 6º A e 6º Ano G da escola A.

3.2.1 Dia 25 de março de 2018 (8º Ano)

Ao entrar na sala de aula para comunicar à turma que o professor não viria, a aluna estava em pé em um grupinho quando chamei a atenção, a mesma me agrediu verbalmente dizendo que essa escola quer imitar a escola militar, e que essa escola é suja, nojenta, vive inventando regras, que sua mãe vai tirar ela daqui (relato feito pela coordenadora).

3.2.2 Dia 04 de maio de 2018 (9º Ano).

Recebemos os pais da aluna que vieram para obter esclarecimento a respeito da acusação feita ao aluno suspeito de assédio. O aluno negou a acusação e inteirou de que houve até certo interesse em namoro pela parte de ambos, e que pegou sim em algumas partes do corpo da aluna, mas não em partes íntimas. Nesse caso, as medidas adotadas pela escola foram: o aluno foi transferido para o turno da manhã e a aluna direcionada ao psicólogo.

3.2.3. Dia 15 de maio de 2018 (9º Ano)

Relato de duas alunas: “Eu estava rindo em sala de aula com minha colega, com isso a professora substituta veio com agressividade comigo, me xingou e eu falei para ela me

respeitar; ela mandou eu sair de sala e eu saí, com isso minha amiga Hellen falou: “tchau, amiga, beijos”. E eu respondi, com isso a professora mandou simplesmente sair também.”

3.2.4 Dia 18 de maio de 18, um caso (6°)

A professora encaminhou dois alunos à direção, pois os mesmos estavam em atrito com outro aluno. A mesma interveio, mas um dos alunos acusados passou a machucar o aluno que estava apanhando torcendo sua mão. Ao dialogar com ambos, nos foi informado que o aluno pagava lanche para o aluno que o batia, a fim de que o mesmo o protegesse, mas o aluno que sofria a agressão brincou dizendo que não compraria o lanche para o agressor o que fez com que o agressor batesse no aluno. Já o acusado de agressão conta em sua versão que o motivo não era proteção do outro aluno, mas sim para bater em outros colegas. A professora acrescentou dizendo que o aluno agressor estava ameaçando o agredido.

3.2.5 Dia 22 de maio de 2018 (7° Ano)

Um aluno foi empurrado e levou murros nas costas por outro aluno, o mesmo ainda proferiu muitas ameaças. Já o acusado da agressão diz que o aluno agredido que foi tirar satisfação, primeiro.

3.2.6 Dia 11 de junho 2018 (8° Ano)

As 11h15min o professor solicitou a presença da direção em sala de aula para comunicar que o aluno o agrediu verbalmente. Diante da situação o coordenador veio comigo até minha sala e permaneceu até o horário de saída.

3.2.7 Dia 18 de maio de 2019 (6°)

A professora informou que um aluno do 6° Ano, a desacatou, agindo de forma hostil e com termos inadequados. O mesmo não quis falar sobre o assunto. O caso foi registrado como indisciplina e ninguém foi contactado (relato feito pela professora).

3.2.8. Dia 13 de fevereiro de 2019 (7°)

Em 13 de maio de 2019 o aluno foi retirado da sala de aula por todos os professores que administraram aula neste dia. De acordo com o relato este aluno não fez as atividades, insultou os colegas gerando tumulto em sala. A mãe do aluno se fez presente nesta orientação para fazer-se ciente do comportamento do mesmo. A mãe do aluno relatou que seu filho é um menino bonzinho que os funcionários já têm antipatia pelo filho dela e que ninguém gosta

dele, afirmou que nesta escola os alunos fazem uso de drogas dentro da escola e que os funcionários não veem. (relato feito pela coordenadora).

3.3 RELATOS DAS OBSERVAÇÕES DIRETA EM SALA DE AULA NA ESCOLA A

As observações anotadas foram feitas em locais como cantina (a cantina era um espaço aberto com bancos e mesas, onde os alunos ficavam na hora do intervalo e jogavam xadrez), corredores e em três salas (as salas do 6º Ano, D e C, eram refrigeradas, com carteiras e paredes pichadas. A sala do 9º Ano B apresentava algumas pichações nas carteiras e mesas e no dia da observação o ar-condicionado estava com problema. Foram feitas observações em dois turnos: 6º Ano C e D no período da tarde, e 9º Ano B, no período da manhã.

3.3.1 Observação na sala do 6º Ano D em 16 de abril de 2019

Esta observação ocorreu no período vespertino, me dirigir a sala, cuja turma tem 14 alunos/as, 5 meninas e 9 meninos. Os/as alunos/as estavam fazendo uma atividade de leitura compartilhada. Durante aula dois alunos começaram a chamar uma aluna de “mongoloide”; outro aluno questionou a professora a respeito do daquela atitude. A professora aproveitou a oportunidade e encaminhou uma atividade: Criar um logotipo baseado no tema bullying. De repente um aluno bateu na cabeça de um aluno menor, e o mesmo ficou proferindo xingamentos aquele que lhe bateu.

Segundo dia de observações, 17 de abril de 2019, me dirigir a sala, cuja turma neste dia tinha 12 alunos/as, 6 meninos e 6 meninas. Durante a aula um aluno chamou outra aluna de “cachorra”, a mesma revidou com tapas, o mesmo aluno chateou outra aluna que também o revidou com tapas. Passaram a atividade: Problemas com números naturais; Dois alunos se agrediram com tapas com uma grande diferença de tamanho um do outro. Outros dois alunos se desentenderam. Neste dia foi desenvolvida atividade avaliativa de recuperação.

Nota-se, nesta turma, que além do *bullying* outras formas de violência é muito presente na sala, os professores passam bastante tempo chamando a atenção dos alunos, do que explicando o conteúdo, mesmo assim, parte dos alunos/as são participativos/as...

3.3.2 Observação na sala do 6º C em 25 de abril de 2019

A turma também no período vespertino. A turma tinha tem 20 alunos/as, 05 meninas e 15 meninos, segundo as informações, esta tem poucos alunos repetentes. Durante a aula eles não ficaram agitados quando a professora saiu. Nesse dia professora de Estudos Amazônicos

estimulou a leitura compartilhada e os alunos sempre buscavam responder a professora. Atividade de Estudos Amazônicos: escrever alguns parágrafos do livro, e desenhar alguns mapas.

Nesta turma o nível de repetência é baixo, e os alunos repetentes não apresentam atitudes agressivas. A professora regente brigou com três alunos, os acusando de praticar bullying contra uma aluna, o que foi o bullying a professora não explicou. Os alunos dessa turma por ser a maioria com a mesma faixa etária tendem a ser imaturos e com isso ficam brincando de luta um com os outros, não por algum motivo, mas simplesmente para mostrar força.

Segundo dia de observação, 30 d abril de 2019. A sala estava com 19 alunos/as, 6 meninas/13 meninos. Nesse dia foi a Correção das atividades anteriores e eles estavam conversando muito entre si. Alguns alunos se sentem incomodados com a organização da sala, que a professora está mudando, e alguns alunos ficam se estranhando, mas é momentânea, a professora fez a Autoavaliação da escola;

Um aluno PcD apresenta um comportamento agressivo ele passa o tempo todo agredindo os outros colegas, outro caso em especial de agressão foi uma menina que agrediu outro aluno e o mesmo arremessou um livro na cara dela; notou-se que agressão é muito presente, os alunos se agredem batendo na genitália um do outro e também ficam se aliciando.

Uma característica da escola é que alguns alunos gostam muito de jogar dama com o porteiro. Os alunos excluem um aluno PcD; e outros manipulam um aluno PcD para que ele agrida outro aluno que lhe perturba. Quando se sentem sós, ficam buscando outras pessoas para atrapalhar a turma.

3.3.3 Observação da sala 9º Ano B em 6 de maio de 2019

Turma no período matutino, me dirigir a sala, cuja turma contém 19 alunos/as, 7 meninas/12 meninos. São alunos com porte de adulto, não ligam para a presença de estagiários, na verdade no presente momento estão quatro estagiários presentes na sala: dois de química, um do CIEE e eu; um trio de rapazes chama a atenção pela conversa. Não aparentam agressividade só são imaturos.

Segundo dia de observação, 13 de maio 2019. Período matutino, me dirigir a sala, cuja turma neste dia tinha 17 alunos, 11 meninos/6 meninas. Houve uma conversa com dois alunos, onde foi perguntado se eles consideram a turma violenta, segundo eles não, é certo que existem conflitos, mas não dentro da turma, e sim com relação às outras; a turma está bem

calma, mesmo sem o professor na sala, e com uma substituta na sala; os alunos praticam bullying abertamente uns com os outros;

Imagina-se que essa escola necessita de palestras que falem sobre bullying e violência, creio que a maioria não sabe diferenciar esses termos e acabam considerando isso como uma simples brincadeira, os alunos devem aprender a respeito dos limites que devem ter uns com os outros, e também alguma ação que enfatize a inclusão de todos os alunos.

3.4 RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA B

Na segunda escola fomos apresentados à equipe gestora onde se apresentou o projeto e o objetivo de estarmos ali, fomos levados a sala da coordenação onde dividíamos a sala com o coordenador, começamos a leitura dos livros datados do ano de 2018 a 2019. Nesta escola verificou-se que as ocorrências mais frequentes foram relacionadas à indisciplina dos alunos. A seguir as datas dos registros de ocorrências.

3.4.1 Dia 24 de maio de 2018 (7º Ano)

A aluna foi abordada pelo Orientador no refeitório da escola no momento em que a turma estava tendo aula de matemática. O orientador perguntou o motivo da mesma está fora de sala e a referida aluna disse em tom que a mãe dela tinha a mandado ficar na turma do 6º D, perguntei a aluna porque a mesma estava de sandália e a mesma disse que era porque ela queria, solicitei que a mesma fosse para sala de aula e a aluna disse em tom alto que “não ia para lugar nenhum” e deitou-se no banco do refeitório, ignorando a presença e ordem do orientador. Em seguida, a coordenadora veio informar ao orientador que a aluna ao ser chamada pela professora para comunicar que a aluna tinha adentrado na sala de aula sem material escolar e sem permissão do professor, a aluna falou em tom alto perante a turma que não ia sair de sala, que queria ver quem ia tirá-la dali e da escola. Ela disse que só sairia quando bem quisesse e ainda proferiu palavras de baixo calão para a coordenadora. A coordenadora me informou nos primeiros horários que a aluna estava assistindo aula na turma de 7º D do professor de Geografia o qual pediu para a aluna se retirar e a mesma disse que não ia sair. O professor convocou a coordenadora para ir conversar com a aluna e retirá-la da sala. A aluna negou-se a sair, com muita insistência ela saiu; em seguida o agente de portaria solicitou a saída da aluna, pois a mesma estava de sandália, a aluna acatou acompanhada do agente. No momento em que o agente abriu o portão para saída do 9º E, a aluna adentrou a escola, sem permissão, correndo. A vice-diretora pediu que a aluna se retirasse, mas a mesma

disse que não ia retirar-se e que ninguém ali mandava nela. (Os responsáveis foram contatados).

3.4.2. Dia 30 de maio de 2018 (6º Ano)

As alunas foram trazidas pela Prof. por estarem brigando na sala com agressão física. Segundo relato da aluna agredida, a aluna pisou em seu pé e começou a gritar com a aluna partindo para cima da aluna agredida, o qual para sua defesa agrediu a outra aluna. Segundo o relato da aluna que pisou no pé da outra, ela foi empurrada por um aluno da turma que não deu para ser vista. A aluna agredida arranhou a cara da colega. Segundo relato de 3 alunos do 6º E da prof. Que estava subindo aula em outra turma quando ocorreu a briga provocada pelas duas alunas que estavam se atacando com pontapés.

3.4.3. Dia 1º de junho de 2018. (8º Ano)

A professora trouxe à sala de Orientação uma aluna por situação de desrespeito. A situação ocorreu quando na aula a professora chamou a atenção da aluna e a mesma proferiu palavras de baixo calão. (responsáveis foram contatados)

3.4.4. Dia 1º de junho de 2018 (8º Ano)

Os alunos vieram comunicar ao orientador que o esposo da aluna adentrou a escola e agrediu fisicamente os alunos com um tapa na cara, por terem sido acusados de pegar o leite do seu filho. A aluna é mãe e traz o seu filho para a escola, bem como o alimento do seu filho. Segundo a aluna quem contou que os alunos teriam comido o leite do seu filho foi outra aluna. Ouvindo os relatos foi confirmado que a aluna gerou toda a situação o qual a diretora advertiu a aluna e o seu esposo será chamado na escola.

3.4.5. Dia 10 de outubro de 2018. 9º Ano.

Na sala da direção comparecem os alunos após ocorrência do Prof. de Geografia que estava em outra turma quando viu um alvoroço no banheiro feminino, pois a aluna estava chorando pois viu os dois alunos citados no início se mutilando, quando questionados os motivos de fazerem aquilo foi lhe respondido de perda dos entes queridos.

3.4.6. Dia 06 de dezembro de 2018 (6º Ano)

A coordenadora foi solicitada na turma na aula da Professora, sobre o motivo de que o aluno estava fazendo bagunça na aula, quando questionado a sair da sala, recusou e disse que se a professora insistisse em fazê-lo sair ele iria chamar os 'brothers' para acertar as contas dela. A

professora retirou os alunos da sala em direção à biblioteca afim de que aquela situação não atrapalhasse sua aula. Na hora do recreio, o aluno furou a fila e quando a merendeira pediu para que ele voltasse para o fim da fila, o mesmo disse que queria ver quem o ia tirar dali. A vice-diretora o abordou com o celular na mão, quando questionado ele disse que sua avó o havia permitido que o mesmo ficasse ali. Como medida adotada a escola o transferiu.

3.4.7. Dia 22 de abril de 2019 (9º Ano)

Um aluno informou que outro aluno quebrou a tela do seu celular que estava em cima da carteira escolar, deixando que o mesmo caísse. (responsáveis foram contatados)

3.4.8. Dia 21 de agosto de 2018 (7º Ano)

No momento da entrada dos alunos nesta unidade de ensino as alunas, acompanhada de sua mãe e contrariando as medidas aplicadas de suspensão, adentrando a escola, após constrangimento em público perante alunos, pais e professores com palavras de baixo calão e agressão verbal contra a agente de portaria, a coordenadora pedagógica e a diretora. A senhora adentrou a escola e fez com que suas filhas adentrassem as suas respectivas salas.

3.5. RELATOS DAS OBSERVAÇÕES DAS OBSERVAÇÕES DIRETAS NA ESCOLA B

As observações foram feitas em locais como cantina (a cantina era um espaço aberto com bancos e mesas, onde os alunos ficavam na hora do intervalo) corredores (a escola era bem decorada com as datas festivas e com decorações sustentáveis utilizando pneus) e em três salas (a salas do 6º Ano G, 8º Ano A, e F eram salas sem refrigeração, com cadeiras e paredes pichadas) em turnos diferentes, 6º Ano A, G e 8º Ano A e F eram no período vespertino, e 8º A no período matutino. O 6º Ano G era uma turma de 25 alunos que a frequentavam normalmente. A seguir alguns relatos das observações.

3.5.1 Observação da sala 6º Ano G em 17 de junho de 2019

Estava no pátio esperando o coordenador pedagógico quando presenciei o professor de Ed. Física pedindo para o aluno vestir o uniforme (ordem moral), quando o professor saiu e o aluno disse: “vai tomar no cu, nem meu pai fala assim comigo, muito menos um cabeça de rola desses”. (O tom de voz do aluno desperta agressividade)

Em seguida me dirigir para a sala do 6º Ano G cuja turma tem 16 alunos/as sendo 7 meninas e 9 meninos. A turma estava calma, fazendo a transcrição da prova de Estudos Amazônicos que estava no quadro, quando de repente uma aluna acusa que uma colega

derrubou sua caneta no chão, essa aluna pediu para a colega pegar a caneta e a mesma se recusou. A aluna que havia pedido o favor passou a proferir palavras de baixo calão como, por exemplo: “pau no cu”. Nesta cena a professora regente parou a atividade e chamou a reflexão do tratamento dado aos colegas.

A linguagem de baixo calão e a violência física é corriqueira. Puderam-se observar expressões como: “filho de rapariga”, “desgraça”, “mongoloide velho”. “filho da puta, doida, merda, viado, vai te fuder, filho da peste, porra, caralho, filho de uma égua, rapariga, vagabunda, vai tomar no cu”. Além disso, as agressões físicas são recorrentes. Nesse dia, um aluno de outra turma entrou na sala, para provocar uma menina e como ela achou ruim e ele retribuiu-lhe com um tapa na cara. Ao ouvir relatos da turma, os próprios alunos/as admitem que a turma seja violenta inclusive citando o caso da menina que deu um tapa na cara do menino e ele devolveu-lhe com um murro na cabeça. Ainda, nesta mesma turma, uma menina bateu o caderno na cabeça de um menino, pois segundo ela, o mesmo lhe faltou com respeito e claro ele revidou.

Nota-se que os conflitos nessa turma estão além do aceitável. Cada um se defende como pode. Pôde-se observar que nem mesmo na aula de matemática considerada uma das disciplinas difíceis não há concentração. Além disso, observou-se uma estudante fumando no espaço escolar violando uma das normas básicas da escola pública.

Segundo dia de observação 18 de junho de 2019, a turma neste dia tinha 16 alunos/as, 6 meninas e 10 meninos. A sala estava organizada para prova, alguns alunos adentraram a sala, viram sua organização e simplesmente reviraram as carteiras para sentar-se no lugar de suas preferências e com a cadeira que queriam. Nesta turma foi possível observar muitos namoricos entre os adolescentes

Verificou-se também que durante os dois dias de observação a professora de matemática fica pouco tempo na sala e enquanto isso os alunos correm de um lado para outro. Quase todo tipo de ação gera conflito. Neste dia uma aluna foi entregar a prova de um aluno, ele não quis recebê-lo, ela jogou no chão e o mesmo pisou em cima da prova. Naquele momento a professora reagiu com o seguinte comentário: “nós mandamos para secretária, mas não vemos resultado, pois não há punição”. Os professores vivem em busca de alguma solução, seja por parte da coordenação ou dos pais, eles anseiam que se faça algo que mude o comportamento dos alunos.

Há também uma diferença na postura dos docentes. A de Estudos Amazônicos, por exemplo, é calma, dialoga com os alunos, é bem visível a diferença de comportamento com os alunos durante sua aula. A escola deve ser aberta ao diálogo entre professores e alunos, os

alunos respondem aos professores de maneira diferente, e isso reflete na maneira como são tratados pelos professores. Uma aluna não fez a prova de Estudos Amazônicos e ontem a professora deu a prova e a mesma não fez, quando questionada a resposta foi: ‘não sou nem safada para fazer essa prova semana que vem’.

3.5.2 Observação da sala do 8º Ano F em 24 de junho 2019

Turma no período vespertino, com 26 alunos/as, 7 meninas e 19 meninos. Na sala há o trio da bagunça, conhecida como turma do fundão, a turma é semelhante a outras, muita conversa e pouco conteúdo.

Neste dia, 25 de junho de 2019, a turma tinha 22 alunos/as, 8 meninas e 14 meninos. A sala está com muita conversa, os professores chamam a atenção, mas os alunos não ligam. Alguns alunos falam palavras de baixo calão, como: “filho da puta”, “corno” e “viado”. O tipo de tratamento soa como se fosse natural.

3.5.3. Observação da sala do 8º Ano A em 18 de junho de 2019

Turma no período vespertino tem 22 alunos, 12 meninos e 10 meninas. A sala se comporta com animosidade, muitos estão conversando entre si e atrapalhando a explicação do professor, é comum em todas as turmas da escola alguns alunos chegarem atrasados. Não se tem muitos casos de violência, os alunos respeitam os professores. Houve uma pequena briga, motivada por uma brincadeira, que foi resolvida por outro aluno. Quando iniciou a aula de artes os alunos mudaram seu comportamento, conversando mais e fazendo barulho com a cadeira, já na turma de geografia os alunos ficaram calados, se mostraram apreensivos e voltaram para seus lugares.

No dia seguinte 19 de junho a mesma turma tinha 25 alunos, 12 meninas e 13 meninos. A sala está mais calma do que o dia anterior, os alunos estão fazendo a atividade do livro de português, alguns alunos começaram a conversar, mas a professora os chamou a atenção e eles pararam. Na hora do intervalo ouve uma pequena discussão envolvendo dois alunos, uma menina e um menino, segundo a menina o menino a empurrou, ele negou o ocorrido.

3.6. RELATOS DO LIVRO DE OCORRÊNCIA NA ESCOLA C

Na escola C o primeiro contato se deu com a apresentação a equipe gestora, fomos designados a estudar o livro de ocorrências na biblioteca da escola, a biblioteca ficava em

uma sala grande com poucos livros, ficávamos em mesas de frente para a porta, foram registradas várias ocorrências de indisciplina por parte dos alunos, entre 2016 a 2019.

3.6.1. Dia 13 de fevereiro de 2019. (7º Ano)

O aluno se desentendeu com outro aluno. O aluno agredido alega que outro aluno estava com o estilete, e encostou-se a ele tentando intimidá-lo. O aluno foi advertido e posteriormente suspenso (Punição adotada: suspensão).

3.6.2. Dia 10 de abril de 2019 (9º ano)

A aluna estava riscando a parede da sala de aula quando a diretora a abordou e esta foi interrogada e advertida, a família foi informada.

3.6.3. Dia 30 de abril de 2019 (6º ano)

Alguns alunos estavam pulando o muro da quadra da escola, colocaram uma cadeira e ainda uma bicicleta em cima do muro. Estes alunos estavam jogando futebol de salão, ambos foram advertidos e se fizerem novamente serão suspensos. (Punição adotada: suspensão).

3.6.4. Dia 6 de maio de 2019 (9º Ano)

Dois alunos denegriram uma aluna chamando-a de boquete gozado e ainda afirmando que estava transando com os alunos da escola de futebol camisa 10. (Punição adotada: suspensão).

3.6.5. Dia 14 de maio de 2019 (8º Ano)

O aluno se envolveu numa briga com outro aluno, o mesmo simulou passar a mão suja de urina no rosto do aluno. Os alunos acabaram se agredindo, um deu um soco no outro e o outro tentou se defender usando uma caneta, que acabou arranhando outro aluno (Punição adotada: suspensão).

3.6.6. Dia 23 de maio de 2019. (6º Ano)

O aluno começou uma briga em sala com outro aluno, na aula de matemática, os alunos estavam se enforcando, quando a professora interferiu e retirou de sala. Ambos foram advertidos e a família foi informada.

3.6.7. Dia 24 de maio de 2019 (7º ano)

O aluno estava atrapalhando a aula da professora, o aluno ainda foi abusado, estava com o pau na mão e quando a professora pegou ficou falando para ela soltar o pau dele (Advertência).

Atitudes dos meninos contra as meninas e "brincadeiras" de mal gosto de pegar nas partes íntimas das meninas, assim como agressões verbais e físicas também são frequentes nesta escola. Essas ações são inaceitáveis e vão contra os princípios de respeito e segurança que devem ser promovidos em qualquer ambiente educacional, tais como: respeito à liberdade e apreço à tolerância.

3.7. RELATOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA C

As observações foram feitas em locais como cantina (a cantina era um espaço aberto com bancos e mesas, onde os alunos ficavam na hora do lanche), corredores, biblioteca e em três salas (a salas do 6º Ano B, 8º Ano B eram salas sem refrigeração e a 9º Ano C estava com ar-condicionado vazando, às salas tinham cadeiras e paredes pichadas, e com portas quebradas). O 6º Ano B ano era uma turma de 40 alunos que a frequentavam normalmente,

3.7.1. Observação da sala do 6º Ano B em 4 de setembro de 2019

Turma no período vespertino, cuja turma neste dia tinha 16 alunos/as, 16 meninos. Comparada a outras escolas, as salas do 6º Ano B estão em melhores condições. A professora substituta demorou em arrumar a sala, porque os alunos resistiam. Houve um atraso de 10 min por parte dos professores, já são 13h40min e os alunos estão do lado de fora da sala.

Notou-se que os alunos não possuem muita disciplina, conversam bastante e ficam pra fora da sala a todo o momento. Alguns alunos fazem sinal de arma para o colega. Algumas palavras de baixo calão, como: “caralho, doido, burro, cu de égua, seboso velho, vagabundo, pau no cu, vá se fuder, mongoloide velho, desgraçada”, fazem parte do vocabulário deles!

A professora de português pediu para que um aluno ajustasse sua cadeira, o mesmo respondeu: “Nem meu pai manda em mim”; outros dois alunos foram para secretária por mau comportamento.

No dia seguinte, 05 de setembro de 2019, a turma estava com 39 alunos, 21 meninos e 18 meninas. Já são 13h40min e nenhum professor apareceu, é notável o atraso não só pela parte dos professores, mas também pelos alunos; a sala está cheia de alunos, e existe uma grande falta de organização a respeito do mapa de sala, a professora demorou mais 10min

para organizar a sala. Os alunos estavam conversando muito, a sala está muito quente, e alguns estão falando xingamentos para outros colegas, como: “arrombado, desgraça, viado e caralho”.

3.7.2. Observação da sala do 9º Ano C em 5 de setembro 2019

Turma no período vespertino, neste dia com 26 alunos, 13 meninos e 13 meninas. Foram observadas frases escritas nas paredes, como: “Hadad é o caralho, eu voto Bolsonaro”, e resposta a essa frase foi: “Nazista”; “Cuido do que é meu, e o que é seu, vc!!”; “Me conquistar não é o problema, é me manter interessada”; “martelo de cabeça”; “parem de riscar as paredes”; “pirrola” e “piroca”.

A estrutura da sala é muito ruim, o ar-condicionado está vazando, e a parte de baixo da porta está quebrada, os alunos estão agitados, ficam falando palavras de baixo calão e usando de expressões para se ofenderem, como: “doida desgraça”, “cachorra”, “pau no cu”, “torei tua mãe”, “gay”, “viado”, “doido”, “rapariga dos infernos”, “fudido”, “neguinho”, “macaco queimado”, “caralho”, “meu pau”, “vai tomar no cú”, “madimbu”, “mongoloide”, “rapariga da tua mãe”.

Aconteceu uma animosidade entre alguns colegas da sala e um deles proferiu a seguinte ameaça: “só não mato ninguém aqui porque não tô armado”. O professor entrou na sala somente às 13h42min, a sala fica muito agitada na aula de Artes, os alunos brincam, zombam, e fazem barulho, eles também brincam de dar “biscas” nas orelhas uns dos outros; alguns rapazes queriam molhar outra aluna, e para isso um deles agarrou a menina, enquanto o outro jogou a água, por sorte não pegou nela, mas molhou a sala.

No dia seguinte, 09 de setembro de 2019, a turma tinha 27 alunos/as, 11 meninos e 16 meninas. O professor entrou na sala 13:47 foi percebido que os alunos ficam bem a vontade com os estagiários, os alunos são bastante agressivos uns com os outros, eles fazem uma brincadeira de apertar o nariz um do outro, inclusive um aluno chorou de dor, mas disfarçou. Eles falam vários xingamentos, como: “vai se fuder”, “vai dá teu rabo”, “abestado”, “miséria”, “pau no cu”, “otário”, “desgraça”, “pau no rabo”, “caralho”. Um aluno mandou a professora de Geografia se fuder, mas ela fingiu que não ouviu apesar disso a professora mostra uma postura de autoridade, já que os alunos se mantem em sua maioria concentrados durante sua aula, o que foi totalmente diferente na aula de inglês, já que eles fizeram barulho a aula toda. Houve um caso em que alguns alunos amarraram a bolsa de certo aluno na cadeira, o mesmo ficou chateado. O coordenador foi chamado e os alunos fizeram em pouco caso.

3.8. RELAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS NA ESCOLA D

Na escola D, assim como nas demais, o primeiro contato foi com a apresentação a equipe gestora. Mostrou-se o objetivo do estudo, após as apresentações fomos fazer a leitura e registro dos livros de ocorrência, fizemos a leitura na sala da coordenação, notou-se que foram registradas várias ocorrências do ano de 2017 a 2019, registros de alunas consumindo bebidas alcoólicas dentro da escola, agressões físicas entre alunos e casos de alunos fumando maconha na escola, além de indisciplina. A seguir podem-se constatar algumas das ocorrências mais violentas:

3.8.1. Dia 12 de junho de 2018 (8º Ano)

Um aluno denunciou outro para a coordenação, pois segundo ele o aluno estava armado, então a coordenação foi verificar e constatou que realmente tinha uma faca na mochila. (Medida adotada: suspensão).

3.8.2. Dia 15 de junho de 2018 (8º Ano).

Uma aluna foi chamada para a coordenação para tratar do seu comportamento na escola, porque a mesma estava com seus dois irmãos armados. Então pedindo para explicar a aluna disse que estava com rixa com outra aluna (advertência).

3.8.3. Dia 19 de setembro de 2018. (6º Ano)

Um aluno foi suspenso por ter feito gestos obscenos para o senhor que passava na rua (Punição adotada: suspensão).

Uma aluna foi suspensa por brigar com outra colega, pois a mesma estava com ciúmes de seu namorado (Punição adotada: suspensão).

3.8.4. Dia 9 de outubro de 2018 (não identificado o Ano)

Um aluno foi até a orientação porque o mesmo desrespeitou a coordenadora, pois a coordenadora recolheu o celular do mesmo e em resposta, o aluno a ameaçou. O mesmo aluno desrespeita os professores, e causa um transtorno em toda a turma (Punição adotada: transferido).

3.8.5. Dia 22 de novembro de 2018 (7º Ano).

Uma aluna foi observada como uma pessoa como se estivesse consumido bebida alcoólica, a mesma confessou e disse ter bebido com outra aluna (Punição adotada: advertência).

Uma aluna foi posta para fora da sala, pois a mesma estava se mutilando, e em conversa com a orientadora a mesma disse que é a segunda vez que faz, e que gosta.

3.8.6. Dia 8 de maio de 2019 (9º Ano).

Uma aluna foi pega totalmente bêbada no banheiro, com a roupa toda suja de vomito, quando tirada de lá vomitou na secretária também, a guarda municipal foi contatada, e a aluna foi suspensa. Suspensão (Punição adotada: suspensão. A guarda municipal acionada).

No dia 28 de junho de 2018, a mesma aluna foi encontrada com outras colegas no banheiro com um litro de cachaça 51. (Punição adotada: suspensão. Acionada a guarda municipal).

Os alunos que foram flagrados bebendo e fumando dentro da escola não foram punidos. Nesse caso, importante revisar o processo disciplinar adotado pela escola D. A consistência na aplicação das regras é fundamental para promover um ambiente justo e seguro para todos os alunos.

É importante que a escola D reavalie suas práticas e tome as medidas necessárias para lidar adequadamente com os incidentes de consumo de álcool. A aplicação justa e consistente das regras é fundamental para manter a disciplina e promover um ambiente de aprendizado saudável para todos os alunos, buscar medidas também que diminuam a ocorrência da violência.

3.9. RELATOS DAS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA D

As observações foram feitas em locais como cantina (a cantina era um espaço aberto com bancos e mesas, onde os alunos ficavam na hora do lanche, nesse espaço havia grades que permitiam a vista do trem), corredores (a escola era de três andares, suas escadas eram de rampa e suas paredes pichadas, inclusive havia uma sala que não havia porta e não havia iluminação e que segundo o depoimento dos alunos era usada para venda de drogas) e em três salas 6º Ano D e C, 8º Ano E e 9º Ano G (as salas eram sem refrigeração e com paredes e cadeiras pichadas, vale destacar que os andares tinham grades de proteção que se assemelhavam a grades de cadeia). O 6º Ano D ano era uma turma de 30 alunos que a frequentavam normalmente.

3.9.1. Observação da sala do 6º Ano D em 17 de setembro de 2019

Turma no período vespertino, cuja turma possui 25 alunos/as, 12 meninos e 13 meninas. A estrutura da sala é precária, as paredes estão mal pintadas e os vidros quebrados. Na troca de professores os alunos ficaram agitados e simularam uma briga. Algumas palavras de baixo calão, como: “desgraça” e “fudido”.

Segundo dia de observação turma tinha 16 alunos/as, 11 meninos e 5 meninas. Como não veio um professor subiram a aula, os alunos fizeram um alvoroço na aula, que a professora quase desiste de dar aula. Por preferência da orientadora mudaram uma das salas para 6º Ano C, que era uma turma de 30 alunos que frequentavam normalmente.

3.9.2. Observação da sala 6º Ano C em 23 de setembro de 2019

Turma no período vespertino, tinha 16 alunos/as, 12 meninos e 4 meninas. É uma turma bastante agitada, os alunos ficam pulando entre as carteiras e são muito brigões. Foi observado que na aula de português tanto 6º C quanto D mostram bom comportamento em sala, não falam nada, conversam mais baixo, ela não grita, é um clima tranquilo. Alguns xingamentos e ofensas foram ditos, como: “te fode”, “pau no cu”, “carniça doido”, “viado” e “mongoloide”.

Segundo dia de observação, 24 de setembro de 2019, tinham 22 alunos, 13 meninos e 9 meninas. Foi observado que alguns alunos se responsabilizam pela organização da sala, a organizando em fileiras, alguns alunos da sala ao lado ficam na porta da sala chamando a atenção dos alunos e conturbando a sala. Aparentemente rola uns namoricos na sala, foi visto um aluno cheirando o pescoço de uma colega.

3.10 ANOTAÇÕES PONTUAIS

De acordo com as observações realizadas pode-se imaginar a dificuldade que os professores e professoras têm de desenvolver os conteúdos propostos de suas disciplinas com maestria. Verificou-se também que há escola em que os alunos e alunas são mais agressivos que em outras! Além disso, nota-se que alguns professores não têm autonomia propriamente dita para intervir nos casos de indisciplinas, agressões e violências. Estes, diante do conflito que é inerente a sala de aula fazem apenas o encaminhamento para os gestores, coordenador e/ou diretor. São estes que se encarregam de aplicar as punições. É necessário que haja sanções para os atos de agressividades, indisciplinas e violências. No entanto, supõe-se que estas sanções, não devem ser aplicadas de forma isolada, sem uma reflexão crítica por parte de quem as pratica.

Notou-se também que as escolas pesquisadas não têm o hábito de acionar os instrumentos legais de proteção para minimizar os problemas (antes que contamine todo o ambiente escolar) no sentido de mostrar para crianças e adolescentes que existe uma rede de proteção em torno deles.

Sabe-se Uma turma tumultuada o rendimento da instrução fica comprometido. Bzuneck e Oliveira (2012), ao analisar a indisciplina afirma que esta pode assumir diversas formas, como desrespeito às regras estabelecidas, perturbação da ordem, falta de concentração nas aulas, comportamento disruptivo, entre outros. Esses comportamentos, segundo o autor, podem interferir negativamente no processo de ensino e aprendizagem, além de prejudicar o ambiente escolar como um todo.

Sendo assim, a indisciplina causa impacto negativo na aprendizagem dos alunos e também pode afetar a satisfação e a motivação dos professores. Quando os alunos agem de forma indisciplinada, isso pode prejudicar o ambiente de sala de aula, interferir na qualidade das interações professor-aluno e distrair os demais estudantes.

Além das ocorrências relacionadas à indisciplina dos alunos em geral, na escola (B) também foram registradas situações específicas em que alunos indisciplinados se agem de forma agressiva e desrespeitosa em relação aos professores e servidores da escola. Esse tipo de atitude, caracterizado por agressões físicas, verbais ou emocionais direcionadas aos professores e servidores, é extremamente preocupante, pois afeta não apenas a segurança e o bem-estar dos profissionais, mas também o ambiente de aprendizagem como um todo.

No entanto, desrespeito ou a agressão a professores e servidores pode ter diversas causas, como a falta de autoridade percebida por parte dos alunos, a falta de limites claros, problemas socioemocionais, entre outros fatores.

Nesta escola mencionada constatou-se violência física entre os colegas com arma branca (canivete). A ocorrência de agressões físicas com armas brancas indica uma situação grave que requer uma abordagem imediata e efetiva por parte da escola e das autoridades responsáveis. Nesse aspecto, seria necessário a escola recorrer aos demais órgãos de proteção bem como promover atividades educacionais que abordem temas como resolução pacífica de conflitos, empatia, respeito mútuo e tolerância, destacando os perigos e as consequências da violência física, trabalhar em colaboração com as famílias, organizações comunitárias e autoridades locais para promover a segurança nas escolas para que de fato esta, se torne um ambiente saudável.

3.10.1. Comparações e Distinções entre as escolas

Na escola A e D foi evidenciado um controle nítido da entrada de pessoas na portaria, algo que não foi presente nas escolas B e C, pois como novo personagem nas escolas A e D fui barrada na portaria, algo que não tive nas outras escolas e nem alguém que perguntasse o motivo de estar ali.

Diante de tudo que foi relatado a respeito de violência e indisciplina fica evidente que estas manifestações prejudicam tanto quem ensina quanto quem aprende, uma vez que, influencia na concentração na participação dos alunos, dificultando a transmissão de conhecimentos, a realização de atividades pedagógicas bem como a interação entre professor e aluno. Além disso, violência e a indisciplina constante podem levar à desmotivação dos docentes, que se sentem frustrados e desgastados em seu papel de educadores. Lidar com constantemente com situações problemáticas pode diminuir a satisfação profissional e o engajamento dos professores e das professoras e em alguns casos levando o desenvolvimento de doenças psicossomática como a depressão entre outras.

Nesse sentido, Vasconcellos (2004) destaca que a indisciplina na sala de aula pode afetar negativamente a autoestima dos professores, bem como gerar sentimento de frustração, desânimo e até mesmo o desejo de abandonar a profissão docente. O tempo perdido em sala de aula para lidar com comportamentos indisciplinados pode causar um desgaste emocional e mental nos educadores, especialmente quando ocorre em um ambiente de desordem e falta de controle.

É importante considerar que a violência e a indisciplina presentes no ambiente escolar não são isoladas, mas estão relacionados com fatores externos, como as diferenças sociais e culturais entre os sujeitos escolares, os conflitos presentes nas relações sociais e até mesmo nas práticas pedagógicas adotadas, por meio da violência simbólica.

As desigualdades sociais, por exemplo, podem influenciar as dinâmicas de poder e as tensões entre os alunos, contribuindo para comportamentos violentos e indisciplinados. Santos, (2002) ressalta que a violência não é um fenômeno novo e que corriqueiramente novas formas de violência ocorrem e afeta a sociedade como um todo, não apenas a escola. Dessa maneira, os indivíduos da classe dominante acreditam que são os detentores do poder e por isso tentam impor seu poder simbólico sobre uma parcela da sociedade. Além disso, as diferenças culturais e as visões de mundo divergentes podem gerar conflitos e dificuldades de convivência dentro do ambiente escolar. A própria escola, submetida a lógica capitalista, em alguns casos, tende a tratar os filhos e filhas de pessoas mais abastadas com mais respeito dos filhos e filhas das pessoas com menor poder aquisitivo. Além do mais, foi visível o descaso que o poder público tem pela escola pública. Não há uma política de formação para zelo pela coisa pública!

Também, é importante reconhecer que a própria escola, como instituição, pode ser um espaço onde a violência, seja ela simbólica ou manifesta, ocorre. A escola pode reproduzir ou ampliar as desigualdades existentes na sociedade, reforçar estereótipos, discriminações e

hierarquias, o que pode contribuir para a manifestação de comportamentos violentos entre os atores sociais da comunidade escolar (Bourdieu e Passeron, 1992).

Diante disso, torna-se necessário investigar e analisar a escola como um objeto de estudo, identificando as práticas, normas e estruturas que podem contribuir para a violência e a indisciplina. Isso envolve examinar as relações de poder presentes na escola, as dinâmicas de interação entre alunos e professores, as políticas e práticas disciplinares adotadas, a qualidade do ambiente de aprendizagem e outros fatores que possam influenciar o clima escolar.

Essa reflexão crítica sobre a escola como um potencializador de violência, tanto simbólica quanto manifesta, é fundamental para promover mudanças e implementar estratégias eficazes de prevenção e intervenção. A escola deve ser um espaço seguro, inclusivo e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes, e isso requer um olhar atento e crítico sobre suas próprias práticas e estruturas.

Araújo (2009) ressalta que a indisciplina e a falta de atenção dos alunos são problemas comuns enfrentados pelos professores em muitas instituições de ensino. Uma pesquisa realizada pela Revista Nova Escola e Ibope, destaca a percepção de 69% dos professores entrevistados, que apontaram esses como problemas basais em sala de aula. Esses resultados reforçam a importância de abordar e lidar com a indisciplina e a falta de atenção dos alunos de forma efetiva, visto que estes podem prejudicar o ambiente de aprendizagem, dificultar o ensino e comprometer o progresso acadêmico dos estudantes.

Freire (2001) salienta que grande parte dos comportamentos indisciplinados, como, sorrir, fazer os colegas sorrirem, balançar na cadeira, ficar distraído, não fazer as atividades, entre outros, são considerados banais. Esses comportamentos são frequentes durante as aulas e apesar de parecerem insignificantes, prejudicam a concentração dos demais alunos, distraem o professor e comprometem o desenvolvimento das atividades de ensino.

É importante refletir sobre os casos de violência e indisciplina nas escolas, pois ambos são fenômenos complexos e inter-relacionados que podem prejudicar a carreira escolar dos alunos, ocasionando limitações futuras. É essencial abordar essas questões de forma abrangente, considerando não apenas as consequências imediatas dos casos de violência e indisciplina, mas também as causas subjacentes e os fatores de risco envolvidos. Isso pode incluir a análise das desigualdades sociais, da falta de suporte emocional e social, da influência da mídia e das comunidades, das políticas educacionais e da qualidade do ambiente escolar.

Para Abramovay e Ruas (2003) a violência e a indisciplina são um desafio a análise da violência escolar. A definição e a percepção da violência podem variar significativamente de acordo com o contexto, as perspectivas dos envolvidos e as características individuais. Sendo assim, a definição da violência pode ser influenciada pelas experiências e valores de cada pessoa, assim como pelo papel que desempenham na escola. Professores, alunos, diretores e outros membros da comunidade escolar podem ter diferentes perspectivas sobre o que constitui violência, baseando-se em suas vivências, crenças e papéis no ambiente escolar.

Além disso, a percepção da violência pode variar em função da idade e do sexo. Crianças e adolescentes podem interpretar e relatar a violência de maneira diferente dos adultos, devido à sua compreensão do mundo e aos desafios próprios de sua faixa etária. Da mesma forma, as percepções de violência podem ser influenciadas por questões de gênero, com diferentes expectativas e experiências relacionadas à violência entre meninos e meninas.

Essa diversidade de perspectivas e definições da violência pode dificultar a obtenção de dados precisos e consistentes sobre o fenômeno. É importante considerar essas variações e nuances ao analisar a violência escolar, buscando compreender as diferentes percepções e interpretando os dados com cautela.

Nesse sentido, é fundamental promover o diálogo e a participação de todos os envolvidos na comunidade escolar para compreender melhor as percepções e experiências individuais e coletivas de violência. Isso pode envolver a realização de pesquisas, a criação de espaços de discussão e a implementação de políticas e práticas que levem em consideração a diversidade de perspectivas e experiências relacionadas à violência escolar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a violência nas escolas, é possível explorar suas causas, impactos e possíveis soluções. Através deste estudo foi possível ter conhecimento sobre a existência e a gravidade da violência nas escolas, destacando as diferentes formas de violência que ocorrem nesse ambiente. Quando retornei à escola como iniciante de pesquisa foi na verdade que senti o impacto da violência escolar. Coisas que durante toda a escola básica era natural, agora estavam estranhas diante de mim. Foram necessárias muitas leituras para compreender que a escola pode ser um espaço saudável para toda comunidade, porém, para isso é necessário criar e recriar constantemente e de forma interrupta discussões dialógicas, não apenas dentro dos muros, mas também fora dele. Torna-se necessário promover discussão em torno do tema,

identificando soluções eficazes e incentivando ações que possam reduzir a incidência de violência e melhorar o bem-estar dos estudantes.

Além do mais, é importante incentivar ações concretas que ajudem a reduzir a incidência de violência nas escolas. Isso pode, inclusive, ser desenvolvido por meio de formação continuada para professores e funcionários escolares, envolvimento dos pais, implementação de canais de acolhimento e apoio às vítimas, além do envolvimento dos outros instrumentos de proteção e controle disponíveis no serviço público. Ao incentivar essas ações, estaremos desempenhando um papel ativo na promoção de um ambiente escolar mais saudável.

Além disso, pode-se presumir que a violência nas escolas pode ter um impacto negativo na aprendizagem e no bem-estar dos estudantes, afetando sua saúde mental, baixo desempenho e escolar. Portanto, discutir e combater a violência, promover um ambiente seguro torna-se importante, e esse combate pode ser feito meio de ações concretas, como estabelecer consequências apropriadas para comportamentos violentos e garantir que as políticas sejam aplicadas de forma consistente, incentivar a participação ativa dos pais na comunidade escolar, promovendo a comunicação aberta, envolvendo-os em discussões sobre violência e incentivando-os a apoiar as políticas e práticas da escola.

Imagina-se que para combater efetivamente a violência nas escolas e promover um ambiente seguro e saudável, é fundamental implementar ações concretas e permanente. As sanções relacionadas à violência devem ser aplicadas de forma imparcial educativa para não violência. Isso garante que todos os alunos sejam tratados de maneira justa e que as consequências sejam aplicadas de maneira equitativa, independentemente de fatores como gênero, etnia ou status socioeconômicos. Também pode ser utilizada a política de formação que envolva alunos, professores e pais sobre os efeitos negativos da violência e a importância de um ambiente escolar seguro e respeitoso. Isso pode ser feito por meio de oficinas pedagógicas, palestras, workshops e discussões que abordem temas como resolução de conflitos, empatia, respeito mútuo e habilidades sociais.

Ao implementar essas ações, as escolas podem desempenhar um papel crucial na prevenção e no combate à violência, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todos os alunos. As estratégias adotadas podem variar de acordo com as necessidades e contextos específicos de cada escola, por isso é importante adaptá-las às circunstâncias locais.

É necessário estudar a violência numa perspectiva indisciplinar na escola de forma multidimensional, considerando não apenas os aspectos individuais, mas também os fatores sociais, culturais e estruturais que contribuem para esses fenômenos. Embora existam várias

teorias e conceitos que podem ser aplicados ao estudo da violência e indisciplina escolar, algumas abordagens teóricas ainda não foram amplamente exploradas ou integradas de forma sistemática na pesquisa em Educação.

A maioria dos estudos existentes tem uma abordagem transversal, fornecendo uma visão instantânea do fenômeno. No entanto, há uma necessidade de mais estudos longitudinais que acompanhem a evolução da violência e da indisciplina ao longo do tempo, permitindo uma compreensão mais profunda das causas e efeitos desses fenômenos.

É essencial envolver ativamente os atores escolares, como alunos, professores, diretores e pais, nas pesquisas sobre violência e indisciplina escolar. Suas perspectivas e experiências são fundamentais para uma compreensão mais abrangente do fenômeno e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de prevenção e intervenção.

Esses valores não apenas contribuem para a construção de um ambiente escolar mais seguro, como também moldam a maneira como os alunos interagem uns com os outros e lidam com conflitos. Quando os alunos são ensinados desde cedo a valorizar e respeitar as diferenças individuais, isso cria um ambiente em que a violência tem menos espaço para prosperar.

Torna-se necessário desenvolver o espírito crítico sobre os impactos negativos da violência em suas vidas e na sociedade em geral e só pode ser implementado por meio de uma gestão escolar dialógica. Ao compreenderem as implicações reais de suas ações, os alunos são mais propensos a reconsiderar comportamentos agressivos e a adotar uma abordagem mais construtiva para resolver conflitos.

As estratégias de resolução de conflitos são outra peça crucial no quebra-cabeça da redução da violência escolar. Ao desenvolver habilidades de comunicação eficaz, negociação e mediação, estão mais bem preparados para resolver desentendimentos de maneira saudável e não violenta. Além disso, ao aprenderem a expressar suas opiniões e sentimentos de forma construtiva, os alunos podem evitar que as frustrações acumulem e se transformem em agressões.

É importante destacar a redução da violência nas escolas não é de responsabilidade exclusiva da escola, mas envolve uma parceria entre educadores, pais, comunidade e até mesmo as próprias crianças e adolescentes. Criar um ambiente seguro e saudável requer esforços coordenados e contínuos, desde a implementação de políticas escolares rigorosas contra a violência até a promoção de valores positivos em casa e na sociedade.

Ao refletir sobre esses fenômenos complexos, é importante também considerar estratégias preventivas e intervenções eficazes. Isso pode envolver a promoção de uma cultura de paz e respeito, o fortalecimento dos vínculos entre alunos e professores, a implementação de programas de educação socioemocional, a adoção de medidas disciplinares justas e a criação de um ambiente escolar seguro e inclusivo.

Em suma, a violência nas escolas é um desafio que exige além de políticas públicas, uma abordagem abrangente e colaborativa. Educadores, pais, alunos, psicólogos, legisladores e a sociedade como um todo têm a responsabilidade de trabalhar juntos para criar um ambiente escolar seguro, inclusivo e enriquecedor. Somente através de esforços conjuntos e medidas eficazes podemos construir escolas onde os alunos possam prosperar livremente, sem medo da violência e com a confiança de que estão sendo preparados para um futuro melhor.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; RUA, M. G. **Programa de prevenção a violência nas escolas**: Rio de Janeiro: Escolas. Clasco, 2015.

_____. **Violência nas Escolas** (versão resumida). Brasília: Unesco, 2003.

ABRAMOVAY, Mirian et al. **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, UCB, 2002.

ADORNO, Sérgio. "Violência, um retrato em branco e preto". Série Ideias, 21, SP.: FDE, 1994, (17-26).

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. 3a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar. Novas maneiras de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, T. (2009). **Indisciplina**: como se livrar dessa amarra e ensinar melhor. Revista Nova Escola, 226, 78.

AZEVEDO, Maria Amélia e GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater**: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Editora iglu, 2001.

BISPO, Fábio Santos; LIMA, Nádia Laguárdia de. **A violência no contexto escolar**: uma leitura interdisciplinar. Educação em Revista, Belo Horizonte, MG, v. 30, n. 2, p. 161-180, abr./jun. 2014.

BOURDIEU, Pierre; **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais** (1ª a 4ª série): introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BBZUNECK, José Aloyseo; OLIVEIRA, Katya Luciane de; RUFINI, Sueli Édi. **A qualidade de motivação em estudantes do ensino fundamental**. Paidéia, Londrina- PR, Vol. 22, n° 51, p. 53-62, jan-abr, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/rVGF3GXBBrqwYJq6Cp96skv/> .

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIALT, Marguerite. **A violência na escola**. São Paulo, ed. Summus, 1989.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CONNELL, Raewyn. W. Pobreza e educação. In: GENTILI, Pablo. (Org.). **Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação**. São Paulo: Vozes, 1995.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociológicas, Porto Alegre, vol.4, n°8, p. 432-443, jul/dez, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt> .

CHARLOT, B. Prefácio. In: ABRAMOVAY, M. et al. **Cotidiano das Escolas: entre violências**. Brasília: Unesco, Observatório de Violências nas Escolas, MEC, 2006.

CHARLOT, B. **Pode o ato de ensinar ser considerado uma violência ao aluno?** In:

ANDRADE, F. C. B (Org). Escola: faces da violência/ faces de paz. 1 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. cap. 3, p.73-87.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FANTE.C. **Fenômeno Bullying**. Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Versus, 2005.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Educação para a paz segundo Paulo Freire**. Revista Educação, Porto Alegre RS, n° 2, p. 387-393, maio/ago., 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/449/345/1670> .

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 47ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, I. (2001). **Percursos disciplinares e contextos escolares: dois estudos de caso**. 2001. 569 f. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

FREITAG, Bárbara. **Escola, estado e sociedade**. 4º Edição. São Paulo: Moraes, 1986.

GURGEL, C. R.; MATOS, F. A. S. **A violência contra professores: saberes e práticas**. Campina Grande: Realize Editora, 2012. Disponível em: Acesso em: 29 abr. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5 ed. Revista e ampliada. Goiânia: alternativa, 2004.

LUCINDA, M; da C; NASCIMENTO; M. das G; CANDAU, V. M. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ODALIA, N. (2004). **O que é violência**. São Paulo: Editora Brasiliense.

OLIVEIRA, Enya da Luz Lacerda. **Gestão escolar e combate à violência**: uma articulação necessária. Itajaí, SC: Contrapontos, vol. 8, n° 3, p. 491-505, set-dez. 2008. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1984-71142008000300013&script=sci_abstract .

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. **Introdução a Sociologia da Educação**, São Paulo, Ática, 1993.

OMS. Organização mundial de saúde. **Relatório mundial de violência e saúde**. Genebra: 2022.

MAFESOLI, Michel. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1987.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. São Paulo: Annablume, 2007.

MOCHCOVITCH, Luna Galano. **Gramsci e a escola**. Estado: Ática, 3ª edição, 1992.

PASSOS, José Davi. **A educação no antigo oriente**. Curitiba, PR. Editora CRV, 2017.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.

RINALDI, C. Reggio Emilia: **A imagem da criança e o ambiente em que ela vive como princípio fundamental**. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (org.). *Bambini: a abordagem italiana à educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Violências, América Latina**: a disseminação de formas de violência e os estudos sobre conflitualidades. *Sociologias*, Porto Alegre, vol. 4, n°8, jul/dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/7SNG4cyZbgNTMVZwDhsxTSG/?format=pdf&lang=pt> .

SAVIANI, Dermeval. **A pedagogia no Brasil. História e teoria**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa. Campinas: Autores Associados, 2008. 112p (Coleção Educação Contemporânea).

SOUZA, Mírian Rodrigues de. **Violência nas Escolas: causas e consequências**. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação, Aparecida de Goiânia, 2008.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina, WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente**. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, vol. 18, n°1, p. 45-55, jun., 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000100005.

TEMOR DE VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS ATINGE 90% DOS BRASILEIROS, APONTA DATASENADO. Senado notícias, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/temor-de-violencia-nas-escolas-atinge-90-dos-brasileiros-aponta-datasenado>. Acesso em: 04 de jul. de 2023.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **(In)Disciplina:** Construção da disciplina consciente e Interativa em sala de aula e na escola. 15ª ed. São Paulo: Editora Libertad, 2004 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, v. 4).

VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade:** uma perspectiva antropológica. In: Alvito, M. (Org). Cidadania e Violência. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ZALUAR, A. & LEAL, M. C. **Violência extra e intra muros.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 16(45): 145-164, 2001.